



UNIVERSIDADE D  
COIMBRA

Bárbara Sena Correia

**(DES)CONSTRUÇÕES DA PERFORMANCE DE  
EXPRESSÕES BINÁRIAS DE GÊNERO NA  
COMUNIDADE LÉSBICA:  
ESTEREÓTIPOS E ESTIGMAS COM UM OLHAR DE  
DENTRO E FORA**

Dissertação no âmbito do Mestrado em Psicologia Clínica e da Saúde na  
área de subespecialização em Psicopatologia e Psicoterapias Dinâmicas  
orientada pela Professora Doutora Margarida Pedroso de Lima e  
apresentada à Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da  
Universidade de Coimbra.

Setembro de 2022

Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação  
da Universidade de Coimbra

**(Des)Construções da performance de expressões  
binárias de gênero na comunidade lésbica:  
estereótipos e estigmas com um olhar de dentro e fora**

Bárbara Sena Correia

Dissertação de Mestrado em Psicologia Clínica e da Saúde na área de subespecialização em Psicopatologia e Psicoterapias Dinâmicas, orientada pela Professora Doutora Margarida Pedroso de Lima e apresentada à Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade de Coimbra.

Setembro de 2022



UNIVERSIDADE D  
COIMBRA



## Agradecimentos

---

Em primeiro lugar, queria agradecer a minha saúde mental por ter aguentado esse percurso que não foi fácil como mulher, imigrante, brasileira e lésbica em Portugal.

Além de agradecer, quero dedicar essa dissertação a minha avó paterna Alaíde, um exemplo de resiliência como mulher e matriarca da nossa família. Minha avó tem 93 anos e não sei quanto tempo terei para dedicar um próximo trabalho a ela. Alaíde é uma mulher mãe de 5 filhos homens e eu fui a primeira neta mulher nascida nesta parte da família. Alaíde foi uma das responsáveis pelo investimento na minha educação escolar e familiar. Sua vida foi dedicada a nos dar uma educação de bondade, honestidade e respeito.

Minha avó veio de uma família simples do interior de Minas Gerais, no Brasil, onde se casou com o meu avô e a partir daí dedicou sua vida como dona de casa, mãe dos seus filhos e seus netos. Quando eu contei para ela sobre a minha sexualidade, me acolheu da melhor maneira possível com uma simples conversa: “Bárbara, eu não me importo se você se relacionar com homem ou com mulher, se você vai ter filhos biológicos ou não ter filhos, você pode também adotar. Eu me importo que você seja feliz. Eu tive um filho gay (meu falecido tio) e nada mudou para mim, ele foi o melhor filho que uma mãe poderia ter”. Em palavras simples, Alaíde conseguiu demonstrar um entendimento da vida muito à frente do seu tempo. Como ela mesmo diz, é “um espírito evoluído”. Eu sinto muito em ter de fazer essa dedicatória a distância e não poder entregar esse trabalho pessoalmente nas suas mãos, mas aproveito essas páginas para dizer: “Vó, aqui está um dos resultados do que eu sou como mulher e pessoa hoje. Obrigada por ter me apoiado, por ter me acolhido sempre e por ter me ensinado o que é ser resiliente nesse mundo como mulher. Isto é resultado da sua dedicação por todos estes anos”.

Quero agradecer a toda minha família, em especial a minha mãe, que mesmo que tenha tido dificuldades para entender a minha sexualidade no começo, sei que hoje começa a ter outro entendimento. Minha mãe me acolhe, me apoia e me ama incondicionalmente. Minha mãe é também um grande exemplo de resiliência como

mulher. Mãe de duas filhas, uma mulher trabalhadora que luta pelo seu espaço diariamente. Quero agradecer a mãe de minha mãe, falecida avó Neuta, que não está aqui para acompanhar todo esse percurso, mas que fez parte do meu crescimento com muita dedicação e amor.

Quero agradecer a minha irmã uma pessoa dedicada ao seu trabalho como protetora dos animais, que travou muitas batalhas no seu espaço como mulher. Minha irmã sempre me apoiou, foi e tem sido uma grande aliada no processo do entendimento da minha sexualidade e na minha caminhada ativista como mulher e lésbica. A minha prima Larissa, que foi a primeira pessoa para quem me “assumi”. Somos mais que primas, irmãs. Quero agradecer ao meu pai também, que me apoiou e me acolheu quando me “assumi”. Apesar de todos os nossos desentendimentos na vida, hoje somos parceiros e eu sei que ele levanta essa bandeira comigo com orgulho. Como uma pessoa militante e que procura lutar pelos direitos das comunidades menos privilegiadas, me ensinou a seguir esse caminho.

Quero agradecer a todos os meus amigos do Brasil, por termos trilhado juntos esse caminho desde o começo, de perto e de longe. Em especial, mas não só, ao Luciano, Priscila, Stephane, Isadora e Bruno.

Quero agradecer a todos meus amigos em Portugal que me acompanharam nestes últimos meses: Ana Luiza, minha companheira de trabalho e best da vida, Ísis, Gabriela Rocha, Luísa, Lia, Laura, Víctor, Gabriela Alves, Emanuel, Ananda, Nínive, Magui, Gustavo, Roberta e Sara.

Agradeço a minha antiga casa República Marias do Loureiro, a minha casa aliada República Rosa Luxemburgo e a minha atual casinha República SOREA. Estes espaços foram importantes nesse percurso, trazendo momentos de segurança, liberdade, apoio e desconstrução. Agradeço a minha Psicóloga Clarissa por me acompanhar nesse processo.

Um especial agradecimento ao meu grande amigo Filipe Rosado por toda dedicação e apoio nestes últimos dias de preocupação e ansiedade. E também a minha amiga Bibiana Garcez pela dedicação e apoio na revisão deste trabalho como grande profissional e amiga que é.

Não poderia deixar de agradecer imensamente a minha companheira de vida, namorada e amiga Maria Eduarda (Duda) por estes dois anos de muito companheirismo, aprendizagem, apoio, amor, descobertas, perrengues e conquistas que influenciaram no crescimento e amadurecimento da nossa relação. Por algum motivo terminamos o ciclo

da entrega das nossas dissertações juntas enfrentando a ansiedade, medo e tantos outros sentimentos individualmente, mas também partilhando e nos apoiando.

Quero agradecer a minha orientadora Margarida Lima pelos ensinamentos como professora nas melhores unidades curriculares que tive na faculdade, em especial Psicodrama, e agora por ter acompanhado o meu trabalho abraçando esse projeto comigo depois de muitas tentativas para que ele acontecesse.

Quero agradecer imensamente às entrevistadas que contribuíram para o maravilhoso trabalho que aqui foi feito. As suas histórias de vida, os seus percursos foram essenciais para visibilizar e discutir a nossa existência.

E por fim, me despedindo de Coimbra, agradeço a essa cidade que vivi durante os meus últimos 12 anos. Coimbra: pra sempre saudade.

## Resumo

---

Esta dissertação é uma investigação qualitativa que tem como objetivo analisar as construções e desconstruções de estereótipos e estigmas de expressões e performances de gênero binários num grupo de mulheres lésbicas condicionadas socialmente a um padrão heteronormativo. Em uma perspectiva teórica, constatou-se que a naturalização dos conceitos de gênero e sexo está diretamente relacionada à consolidação da dominação masculina, base do sistema capitalista hétero-patriarcal que caracteriza as sociedades ocidentais. Entretanto, a desconstrução ou desnaturalização de tais binarismos, condição essencial à superação dessa dominação, passa por entendermos o papel da performance, a sua função normativa, os seus efeitos e constrangimentos às experiências de vida das pessoas consideradas desviantes dos papéis de gênero que lhes foram atribuídos. Portanto, este trabalho vem contribuir ao aprofundamento desta tarefa teórica e política de desconstrução de binarismos, estigmas e hierarquias que marcam a trajetória de grupos historicamente oprimidos em nossas sociedades. Foram administrados questionários sociodemográficos e entrevistas em profundidade com sete mulheres cisgênero lésbicas residentes em Portugal, de diferentes origens, classe social e raça. Foi constatada a necessidade de mostrar e perceber a construção dos conceitos que acompanham a “invenção” das normas e padrões e como é o processo de subjetividade individual das mulheres lésbicas. Sobre estereótipos e estigmas dentro da comunidade lésbica, sabemos que estes são efeitos de regulação e dominação binária, sendo importante, da mesma forma, conhecer como foi o processo de construção desta invalidação e opressão, e, a partir deste conhecimento, construir mecanismos que proponham a legitimação de novas formas de existência, representatividade social das comunidades marginalizadas e da diversidade sexual e identitária, ampliando estas existências ao invés de reduzi-las.

**Palavras-chave:** Lésbica, gênero, estereótipo, performatividade, invisibilidade.

## Abstract

---

*This dissertation is a qualitative research that aims to analyze the constructions and deconstructions of stereotypes and stigmas of binary gender expressions and performances in a group of lesbian women socially conditioned to a heteronormative standard. From a theoretical perspective, it was found that the naturalization of the concepts of gender and sex is directly related to the consolidation of male domination, the basis of the hetero-patriarchal capitalist system that characterizes Western societies. However, the deconstruction or denaturalization of such binarisms, an essential condition to overcome this domination, requires that the role of performance is understood, the normative function, its effects and constraints on the life experiences of people considered deviant from the gender roles assigned to them. Therefore, this work contributes to the deepening of this theoretical and political task of deconstructing binarisms, stigmas and hierarchies that mark the trajectory of historically oppressed groups in our societies. Sociodemographic questionnaires and in-depth interviews were assigned to seven cisgender lesbian women living in Portugal, from different backgrounds, social class and race. It was found necessary to show and understand the construction of the concepts that follows the "invention" of norms and standards and how is the process of individual subjectivity of lesbian women. Regarding stereotypes and stigmas within the lesbian community, we know that these are effects of regulation and binary domination, being crucial, in the same way, to know how was the process of construction of this invalidation and oppression. Afterwards, from this knowledge, it is important to build mechanisms that propose the legitimation of new forms of existence, social representation of marginalized communities and of sexual and identity diversity, amplifying these existences instead of reducing them.*

**Key-words:** lesbian; gender; stereotype; performativity; invisibility.



# Índice

---

<b>Introdução</b> .....	<b>1</b>
<b>1. Enquadramento teórico</b> .....	<b>3</b>
1.1 Construção do sexo e gênero .....	3
1.2 Desconstruindo o gênero .....	8
1.3 Performance e performatividade de gênero .....	10
1.4 Lesbianidade .....	12
1.5 (In)Visibilidade, afirmação e reconhecimento da identidade lésbica .....	15
<b>2. Objetivos</b> .....	<b>19</b>
<b>3. Metodologia</b> .....	<b>20</b>
3.1 Instrumentos utilizados.....	20
3.1.1 <i>Questionário Sociodemográfico</i> .....	20
3.1.2 <i>Entrevista Semiestruturada</i> .....	21
3.2 Participantes (amostra).....	22
3.3 Recolha de dados .....	22
<b>4. Apresentação dos resultados e discussão</b> .....	<b>24</b>
4.1 Definição sobre sexo e gênero .....	24
4.2 Compreensão e constituição da identidade e orientação sexual.....	25
4.3 Autoaceitação da identidade e orientação sexual .....	28
4.4 Conhecimento dos estigmas e estereótipos .....	29
4.5 Nomeação, estruturação e formação da expressão de gênero com estereótipos .....	32
4.6 Estereótipos dentro da comunidade lésbica .....	35
4.7 A (in)visibilidade da vivência lésbica na margem dos estereótipos e a sua (des)construção .....	38
4.8 Importância do processo de reconhecimento, autoafirmação e visibilidade social .....	41
4.9 Importância, necessidade, relevância e afirmação da identidade como mulher lésbica .....	43
4.10 A vivência lésbica atravessada pelos recortes de gênero, raça e classe social.....	44
<b>Conclusão</b> .....	<b>47</b>
<b>Referências Bibliográficas</b> .....	<b>50</b>
<b>Anexos</b> .....	<b>55</b>

## Introdução

---

A homossexualidade das mulheres está em um processo no campo da diferença, sendo elas, portanto, vistas como desviantes à regra e anormais. Este processo age como base para o surgimento do preconceito e discriminação (Mott, 2006, citado em Campos & Guerra, 2016). Portanto, a luta pela desmistificação dos corpos lésbicos faz com que a sexualidade seja um problema político.

Neste cenário, os corpos destas mulheres representam um marco de resistência, uma vez que seguem o caminho contrário àquele determinado pelo sistema e poder patriarcal. A sua existência e conseqüente resistência exercem a função de mudanças e desestruturamento nos pilares patriarcais e heteronormativos (Martins et al., 2016).

Este trabalho surge, então, da necessidade de reflexão acerca das construções de estereótipos e estigmas de expressões e performances de gênero binários na comunidade lésbica e da importância das desconstruções dessas construções. Compreendendo que as mulheres estão condicionadas socialmente a um padrão heteronormativo, buscamos também apresentar a construção histórica da sexualidade e do gênero, juntamente com o relato da luta histórica, da vivência e visibilidade social das mulheres lésbicas dentro e fora dessa comunidade.

Sendo assim, esta investigação articula a sexualidade com a formação de discursos, estereótipos e estigmas sobre a lesbianidade, levantando o uso de gênero como categoria de análise (Scott, 1988), com o objetivo de pensar sobre estes processos (Toledo, 2008). Ainda, aborda de que forma é apresentada a imagem de mulheres lésbicas através de seus corpos, entendendo os corpos como objetos políticos e como eles são enquadrados na masculinidade e feminilidade (Martins et al., 2016).

Incorporando uma perspectiva pós-estruturalista que critica a essencialização e binarização como forma de existência do ser homem/mulher, masculino/feminino, heterossexual/homossexual, assim como o sistema sexo/gênero/desejo/práticas sexuais (Butler, 2003), exploramos as questões previamente elencadas a partir da análise de sete entrevistas com mulheres lésbicas residentes em Portugal.

O estudo está estruturado em cinco grandes capítulos. No primeiro, dedicamo-nos ao enquadramento teórico das discussões que serão feitas. Este organiza-se em cinco subtemas: a construção do sexo e gênero; a desconstrução do gênero; as performances e performatividades de gênero; a lesbianidade; e, por fim, as dinâmicas de (in)visibilidade, afirmação e reconhecimento da identidade lésbica.

No segundo capítulo, delineamos os nossos objetivos e, a seguir, o desenho metodológico ao qual este estudo obedeceu, descrevendo os instrumentos utilizados, nomeadamente a entrevista semiestruturada, a composição da amostra e o processo de recolha desses dados. A apresentação e a discussão dos resultados são feitas no quarto capítulo, organizado em dez temas que foram suscitados nas entrevistas. Em seguida, no quinto e último capítulo, apresentamos as nossas conclusões.

De maneira sucinta, verificámos que foi constatado a necessidade de mostrar e perceber a construção dos conceitos que acompanham a “invenção” das normas e padrões e como é o processo de subjetividade individual das mulheres lésbicas. A relevância desse estudo marca-se no aprofundamento da tarefa teórica e política de desconstrução de binarismos, estigmas e hierarquias que marcam a trajetória de grupos historicamente oprimidos em nossas sociedades, nomeadamente as mulheres lésbicas, atravessadas dupla e simultaneamente pela hegemonia do heteropatriarcado.

# 1. Enquadramento teórico

---

No que se segue deste capítulo de enquadramento teórico, exploramos a construção do sexo e gênero; a desconstrução do gênero; as performances e performatividades de gênero; a lesbianidade; e, por fim, as dinâmicas de (in)visibilidade, afirmação e reconhecimento da identidade lésbica.

## 1.1 Construção do sexo e gênero

Para iniciar, conduzimos com as perguntas “O que é sexo e o que é gênero? Um é biológico e outro é social? Qual a distinção entre estes dois conceitos? Socialmente, sexo corresponde a características biológicas e gênero é um termo psicológico e cultural. Portanto, no senso comum, o olhar para o sexo feminino corresponde, por exemplo, ao gênero “feminino” (Oakley, 2016). Oakley (2016) enfatiza que ser homem ou mulher, menina ou menino, feminino ou masculino é executado através do vestuário, na gesticulação, no trabalho, nas interações sociais e na nossa personalidade, assim como, no tipo de genitais.

O que se sabe é que de fato não fazemos parte da escolha do nosso sexo biológico, este que é idealizado a partir da terceira semana de gestação, sendo que, no momento da identificação do sexo é seguido um panorama dos padrões de comportamento de representação social (Ferreira, 2016).

Neste sentido, acreditamos que o sexo é cromossômico ou genético, relacionando-se com a capacidade de produzir espermatozoides ou óvulos, na forma e função dos genitais, na capacidade reprodutiva, na forma do corpo, utilizando os termos macho e fêmea (Stryker, 2020) e características secundárias do sexo (Stoller, 1968, citado em Oakley, 2016). A diferenciação dos sexos é determinada a partir de todas estas condições físicas, portanto, socialmente existem dois sexos, o masculino e feminino (Oakley, 2016).

Dorlin (2021) menciona que o sexo denomina três fatores: o sexo biológico atribuído no nascimento, que determina o comportamento sexual correspondente

(masculino ou feminino); o gênero, que de uma forma “provisória” é definido também com atributos do feminino e masculino através da socialização dos indivíduos, no que produzem e reproduzem; e por fim, a sexualidade, ou seja, o ato de “ter” ou “fazer” sexo. Entretanto, de acordo com a Organização Mundial da Saúde (2015), a sexualidade é definida como:

um aspecto central do ser humano ao longo da vida; engloba sexo, identidades e papéis de gênero, orientação sexual, erotismo, prazer, intimidade e reprodução. A sexualidade é vivenciada e expressa em pensamentos, fantasias, desejos, crenças, atitudes, valores, comportamentos, práticas, papéis e relacionamentos. Embora a sexualidade possa incluir todas essas dimensões, nem todas são sempre vivenciadas ou expressas. A sexualidade é influenciada pela interação de fatores biológicos, psicológicos, sociais, econômicos, políticos, culturais, legais, históricos, religiosos e espirituais (p. 15).

O sexo que é atribuído no nascimento em nossa sociedade, ou a diferenciação entre os dois sexos denominados, carrega uma expectativa de comportamentos aceitos como inatos e, portanto, cada sexo se “apropria” dos seus papéis sociais (Mead, 2003). Deste modo, será que o sexo é somente biológico? Gayle (2018) acredita que o sexo é também culturalmente definido e adquirido, sendo assim, a sociedade constitui um sistema de sexo/gênero, ou seja, um conjunto de classificações onde a matéria-prima biológica do sexo é cumprida de maneira normativa dando continuidade a existência de um padrão.

Relativamente ao gênero como conceito, a palavra surge do latim classe ou tipo. A utilização do conceito aparece e começa a ser desenvolvida pelas teóricas do feminismo contemporâneo com a intenção de persistir na organização social dos corpos distintos e da categorização de pessoas, onde maioritariamente são baseadas no sexo (Scott, 1988). É a partir do movimento feminista que o conceito de gênero ganha forças com o propósito e orientação para as relações de poder, ou seja, buscando revogar uma relação social de dominação-exploração (Amorim & Torres, 2012).

Desde então, nos últimos anos, o termo “gênero” vem sendo substituído pela palavra “mulheres” em alguns livros e artigos, sendo que, esta “simbolização” relaciona-se com a aceitabilidade política do campo (Scott, 1988). Scott (1988) ainda enfatiza que esta “substituição” foi sendo utilizada, também, para sugerir que as referências sobre mulheres são inevitavelmente sobre homens. No entanto, tratar o gênero como uma questão feminina vem sendo alterado desde 1990. A autora (Scott, 1988) ressalta que empregar o gênero como representante das mulheres persiste na existência de uma

participação destas no mundo dos homens, sendo que este mundo é criado por eles e dentro deles. Esta utilização rejeita a função interpretativa de esferas separadas, argumentando que estudar as mulheres separadamente contribui na reprodução da fantasia de que a vivência de um sexo não tem nada a ver com a do outro (Scott, 1988).

Amorim e Torres (2012) consideram que para Scott existe uma ideia de desconstruir o conceito de gênero como indivíduo isolado e inconsciente. No entanto, verdadeiramente, gênero representa a relação de pertencer a uma classe, grupo ou categoria, ou seja, relações estas entre homens e mulheres na sua organização e, conseqüentemente, na constituição de relações de poder.

Portanto, o termo gênero apresenta construções culturais criando papéis sociais apropriados para as mulheres e para os homens, desta forma, gênero impõe uma origem social de identidades subjetivas para estes corpos sexuados (Scott, 1988). Segundo Connell e Pearse (2015), no senso comum, o termo gênero expressa uma diferença natural entre homens e mulheres, colocando estes corpos como opostos nos seus pensamentos, emoções e capacidade.

Em algumas culturas, por exemplo, atribuem gênero social ao trabalho que estas pessoas realizam e não aos corpos que fazem este trabalho (Stryker, 2020). Em outras culturas (e.g., Cultura nativas americanas) existem 3 ou mais gêneros (Stryker, 2020). Portanto, o mais importante a ser salientado é todo o histórico de gênero, da sua contingência (Stryker, 2020).

Neste âmbito, observa-se que a compreensão sobre gênero é distinta entre as sociedades e momentos históricos, considerando os fatores relacionados com etnia, religião, raça e classe (Louro, 1997). As diferentes instituições e práticas sociais como a justiça, a igreja, as práticas educativas ou do governo à política são constituídas e constituintes dos gêneros, fabricando os sujeitos (Louro, 1997).

Para além de todas as definições sobre este conceito, gênero é igualmente a direção do desejo sexual pelo outro, assim homens e mulheres são originados da divisão sexual do trabalho como heterossexuais, excluindo e oprimindo a sexualidade humana (Stryker, 2020) LGBTQIAPN<sup>1</sup>. Neste sistema de divisão dos sexos há um apagamento de alguns traços de personalidade de homens e mulheres, sendo este o

---

1 Sigla que abrange pessoas que são Lésbicas, Gays, Bissexuais, Transsexuais, Queer/Questionando, Intersexo, Assexuais/Arromânticas/Agênero, Passexuais/Polissexuais, Não-binárias e mais.

mesmo sistema social de opressão das mulheres nas relações atuais, uma opressão que surge, também, dessa persistência de divisão de personalidade (Gayle, 2018).

No que diz respeito a distinção entre gênero e sexo, por vezes são utilizados de forma equivocada, assim como já mencionado, gênero é considerado cultural e sexo, biológico na generalidade (Stryker, 2020). Stryker (2020) defende que mesmo com as diferenças anatômicas não nascemos menino ou menina, mulher ou homem, mas é atribuído um gênero que é resultante de processo social de identificação ou não, ou seja, existe a perpetuação do imperativo reprodutivo binário (De Tílio, 2014).

Deste modo, Butler (2003) defende que não há porque os gêneros seguirem a linha de dois números como no sexo, por mais que os sexos não apresentem uma problemática binária na sua configuração. Para a autora, o cenário binário dos gêneros omite uma relação camuflada entre gênero e sexo, sendo que o gênero considera o sexo ou é por ele reduzido (Butler, 2003). De Tílio (2014) menciona que para Butler (2003) gênero vai muito além de ser uma expressão, compreensão da essência biológica ou produto das relações humanas, gênero também inclui uma organização impalpável dentro da cultura.

Diferenciar sexo e gênero implica várias complicações, ou seja, “sexo” é verdadeiramente utilizado para estabelecer as categorias de gênero, mesmo assim, continua sendo uma convicção cultural. Todavia, não é sempre que todas as características anatômicas do sexo andam juntas em um padrão predeterminado a nível biológico (Stryker, 2020).

Butler (2003) lembra que a distinção entre sexo e gênero foi idealizada inicialmente para questionar a definição de que a biologia é o destino. Esta distinção leva em consideração o argumento de que, mesmo que o sexo aparente ser insociável em sentido biológico, o gênero continua sendo socialmente construído, ou seja, gênero não é nem provido originalmente do sexo e nem é, ao que parece tão fixo quanto o sexo (Butler, 2003).

Através deste conjunto de concepções, De Tílio (2014) salienta a importância de evidenciar que as relações de gêneros continuam sendo retratadas a partir de um padrão de binarismo, reforçando que aspectos sociais e psicológicos sucedem a partir da biologia, onde não há uma aceitação de normalidade do que se desvia deste limiar.

Portanto, o sexo, a reprodução humana e gênero vêm sendo por milhares de anos dominados pelas atividades sociais humanas (Rubin, 2018). Deste modo, a identidade de gênero, o desejo e a fantasia sexual e as concepções de infância fazem parte

de um domínio do sistema sexual social (Rubin, 2018). Todo este sistema de sexo/gênero é dominado principalmente pelo patriarcado e modos de reprodução, envolvendo mais do que uma reprodução numa direção biológica (Rubin, 2018).

Rubin (2018) acrescenta que este sistema sexo/gênero consiste igualmente na satisfação das necessidades sexuais que é concebida através da transformação social da sexualidade biológica em mercadorias da atividade humana. Para De Beauvoir (2014), é na realização da satisfação das necessidades sexuais e na sua atividade que definimos o sexo e as suas relações, mas que a natureza do ser humano não está diretamente envolvida neste processo.

Deste modo, não devemos determinar que o sistema sexual seja somente um modo de reprodução no sentido social ou no sentido biológico (Rubin, 2018). O sistema de sexo/gênero não pode ser considerado somente um período reprodutivo para um “modo de produção”, como por exemplo, a formação da identidade de gênero é um “modo de produção”<sup>2</sup> no domínio do sistema sexual (Rubin, 2018). O sistema sexo/gênero envolve muito mais do que “relações de procriação” e reprodução biológica (Rubin, 2018).

São diversas as teorias e perspectivas para definir gênero, sexo e a relação com a construção da sexualidade, orientação sexual, identidade sexual e outros termos envolvidos neste contexto (De Tílio, 2014). Existem várias distinções sobre todas estas questões, sendo que se assemelham quando a definição e argumentação destes conceitos não se limitam a uma forma de execução, mas que servem para direcionar práticas de regulação e interação entre os indivíduos (De Tílio, 2014).

Portanto, na dinâmica do gênero e da sexualidade, as identidades são sempre construídas sem um momento fixo ao longo da vida desde o nascimento, não sendo possível estabelecer em que altura a identidade sexual e de gênero foi assentada, pois não possui uma estrutura cristalizada (Louro, 1997). A construção da nossa identidade está em constante instabilidade, é mutável e volátil, numa relação com um contexto social incoerente e inacabado (Britzman, 1996, citado em Louro, 1997). Com isto, é importante salientar que o conceito de gênero continua em construção. Neste sentido, a dicotomia masculino-feminino na forma de identidade está em expansão, abrangendo pessoas que não se identificam como homens ou mulheres (e.g., LGBTQIAPN+) (Gross, 2019).

---

2 A produção do ser humano, a continuação da espécie (Engels, 1984, citado em Rubin, 1975/2018).



Atualmente, nem sempre o sexo biológico coincide com a identidade de gênero (Castilho, 2008, citado em Gross, 2019).

## 1.2 Desconstruindo o gênero

Desconstrução como teoria pós-estruturalista é um processo proposto por Jacques Derrida (1967), seguindo uma crítica que o autor direciona ao conhecimento ocidental assinalado pelo falocentrismo<sup>3</sup>, termo cunhado por Derrida como um neologismo que se refere a hegemonia do logos-razão e do falo-masculino, ou seja, a modos de postura, convicção e/ou também comportamentos apoiados na ideia dessa hegemonia masculina (Marx et al., 2021). Desta forma, a desconstrução também procura problematizar os conceitos que se baseiam no binarismo e na hierarquia, traçando estratégias que desestabilizem e questionem o sistema de pensamento dominante relacionado com estes binarismos hierárquicos incorporados nas questões de sexo e gênero (Vasconcelos, 2003, citado em Marx et al., 2021).

Portanto, existe esta ordem binária que fixa papéis de gêneros masculinos e femininos e organiza uma hierarquia, na qual o gênero opera pela normalização das dicotomias de masculino-feminino e natureza-cultura (Chevitarese et al., 2017).

Neste sentido, assim como já mencionado no capítulo anterior, o conceito de gênero está ligado a estas dicotomias. Por conseguinte, a desconstrução surge de um lugar desafiante e desconhecido para questionar as dicotomias levantando implicações, como, por exemplo, sobre a possibilidade de isto acontecer, se estamos preparados para nos desfazermos delas, o quanto é desejado e de que forma desconstruir o que está por trás do conceito de gênero, assim como na forma que estas questões afetam a ação política e de não nos basearmos em categorias fundadas em uma identidade considerada como natural (corpo) (Tedeschi, 2005). Como desconstruir gênero sem levantar as implicações da distinção entre natureza-cultura e masculino-feminino (Tedeschi, 2005)?

Louro (1997) refere que a dicotomia masculino-feminino são dois polos de diferenciação e oposição, onde está evidente a superioridade do primeiro elemento, masculino dominante, de forma que constituímos um pensamento e aprendizagem

---

3 A estreita solidariedade que existe entre «a construção do logos paterno (a fala, o nome próprio dinástico, rei, lei, voz, eu, véu do eu-a-verdade-falar, etc.) e do falo "como significante privilegiado"» (De Peretti, 1990, p. 281).

direcionados a esta lógica hegemônica. Scott (1988) critica a constante análise e concepção social sobre a direção dicotômica e a centralização de gêneros, dividindo em polos opostos de dominação-submissão. Não questionar esta dicotomia é o caminho para não perceber onde as relações de poder e dominação estão apoiadas (Haraway, 1995, citado em Tedeschi, 2005).

Por conseguinte, a desconstrução da dicotomia masculino-feminino propõe-se através da problematização da constituição destes núcleos individualmente, apresentando os conteúdos de um dentro do outro, pluralizando e não separando pela fragmentação que existe internamente em cada um, deste modo, surgiria um processo de transformação do pensamento (Louro, 1997). Portanto, o processo de desconstrução seria responsável por trabalhar nas “oposições binárias”, ou seja, nas diferenças entre os gêneros masculino-feminino (Louro, 1995).

O rompimento com esta dicotomia binária significa escancarar um sistema que tolda o múltiplo e o diversificado na coerência da identidade que está em torno do sexo biológico heterogêneo, como também, esclarecer o princípio do heterossexismo que está subentendido no sistema sexo/gênero (Bourdieu, 2002).

Culler (1999, citado em Batista & Souza, 2019) descreve que desconstruir uma oposição nos coloca o obstáculo de descortinar uma construção que não é natural e implacável, mas sim fundada em discursos de quem se apoia, como também demonstrar que esta oposição é construída, exercendo um trabalho de desconstrução direcionado à reconfiguração desta estrutura e seu funcionamento e, não exterminando (Batista & Sousa, 2019).

Tedeschi (2005) diz ser pertinente discutir e questionar a desconstrução e o potencial desconstrutor que vem por trás do gênero, como, por exemplo, de que forma deitar fora categorias consolidadas de identidades consideradas naturais (corpo), ou também, a influência da desconstrução de gênero nos âmbitos das ações políticas.

Laurentis (1986, citado em Louro, 1997) ressalta que, “antagonicamente”, a construção de gênero é também desempenhada através de sua desconstrução, admitindo que esta construção é constituída por um processo histórico onde podemos entender que as relações, discursos e representações estão em constantes transformações, conseqüentemente, as identidades estão sendo transfiguradas. Louro (1997) salienta a importância de admitir que mesmo dentro das teorias feministas, considerando os discursos de gênero e propostas de desconstrução, é apresentada uma construção de gênero.

Deste modo, a construção dos gêneros e a existência desta ordem binária, que fixa os papéis masculinos e femininos, uma ordem fictícia, necessita ser desnaturalizada para acabar com os modos de relações que se organizam hierarquicamente (Chevitarese et al., 2017). Transformar as relações de poder implica que haja uma desconstrução do ideal de homem e mulher baseado na subjetividade de masculino e feminino (Chevitarese et al., 2017). É a partir deste ser homem ou mulher e masculino ou feminino que se instaura um conjunto de expectativas e deduções sobre o nosso corpo, sendo estes os estruturantes das performances de gênero no indivíduo, determinando o que é mais natural e apropriado para ele (Bento, 2006, citado em Valente et al., 2018). A performance sucede-se com o objetivo estratégico de manter o gênero em sua estrutura binária (Butler, 2003). Portanto, no próximo subcapítulo será desenvolvido a perspectiva da performance de gênero enquanto “consolidadora” do indivíduo e as outras formas não normativas de performar ou não gênero (Tedeschi, 2005).

### 1.3 Performance e performatividade de gênero

Gênero pode ser considerado como um estilo corporal e vários atos que criam a ideia de gênero (Butler, 2018). Atos, gestos e desejos são produzidos através de um núcleo ou constituição interna, sendo estes produzidos para fora do corpo, sugerindo, mas nunca indicando, a origem organizadora da identidade como causa (Butler, 2003). Estes atos, gestos e atuações são entendidos como performáticos, pois a essência ou identidade que se tenciona expressar são fundadas e amparadas por signos do corpo (e.g. linguagem e vestuário) e outros meios de comunicação (Butler, 2003).

Portanto, as normas que regulam também o sexo trabalham de uma forma performativa que cria a matéria dos corpos, materializando o sexo do corpo e a diferença sexual, conseqüentemente, consolidando o imperativo heterossexual (Butler, 2020).

Neste sentido, o gênero é a representação e ele se concretiza no comportamento dos indivíduos (Lauretis, 1987, citado em Monteiro, 2016) através de um consenso cultural, dando manutenção às atribuições binárias do que é ou não determinações de cada sexo (Monteiro, 2016).

Como forma de representação de gênero, podemos referir os termos performance e performatividade de gênero. Performance é uma palavra que vem do latim *formare*, definida como o ato de formar, dar forma ou criar (Rodrigues, 2012), além de denominar também um espetáculo onde o artista atua de forma livre e por sua conta própria,

encenando um personagem que pode ser produto de sua autoria e/ou uma realização ou ato artístico influenciado por outras formas de artes (Dicionário Houaiss, 2001, citado em Rodrigues, 2012). A performance de gênero na sua realização é direcionada objetivamente na manutenção da estrutura binária de gênero, formando e consolidando o sujeito (Butler, 2003).

A performatividade de gênero é um conceito cunhado pela autora e filósofa Judith Butler, influenciada por “expressões performativas” de John L. Austin. Segundo a autora, o gênero como forma de atuação não deve ser entendido como uma composição verdadeira de gênero, sucessivamente, a performance como uma realização demarcada é distinta de performatividade, sendo que performatividade corresponde à renovação das normas antecedentes (Butler, 2020).

Então, se performatividade de gênero é o renovar de uma norma ou grupo de normas, ela não é um ato singular. Consecutivamente, vai adquirindo uma colocação no ato presente, desta forma, oculta as práticas e padrões que são repetições heteronormativas (Butler, 2020).

Portanto, dizer que gênero é performado é um pouco diferente de afirmar que gênero é performativo, pois ao referir que gênero é performado, normalmente submete o indivíduo a um papel que o faz comportar-se de uma determinada forma e esta ação (ou esta interpretação) é crucial para o gênero que é e que se apresenta na sociedade (Butler, 2003; 2020). Dizer que gênero é performativo é um pouco diferente, dado que quando algo é performativo significa que este produz uma série de efeitos, pois o indivíduo age e fala de formas que consolidam uma impressão de ser homem ou ser uma mulher. Butler (2003; 2020) salienta que nos comportamos como se este ser homem ou este ser mulher fosse na verdade uma realidade interna, ou algo que simplesmente é uma verdade ou um facto sobre nós. Trata-se de um fenómeno que tem sido produzido e reproduzido o tempo todo, ou seja, dizer que gênero é performativo é dizer que ninguém pertence a um gênero desde sempre.

Em síntese, como estratégia de sobrevivência, o gênero é uma performance em que os indivíduos são envolvidos com consequências punitivas (Butler, 2018). Dentro da cultura contemporânea, diferenciar gênero faz parte da “humanização”, e o indivíduo que não performa, expressa ou externaliza de forma adequada a diferença do seu gênero é constantemente punido. Expressar gênero não significa a existência de uma “essência”, as várias práticas de gênero criam a ideia de gênero, pois sem estas práticas não existiria gênero, deste modo, gênero é uma construção que oculta sua própria origem

e concepção (Butler, 2018). Portanto, a concessão coletiva implícita à representação, produção e manutenção dos gêneros polarizados e distintos como ficções culturais é obscurecida pela confiança na sua própria construção. Os produtores de gênero se encantam com suas próprias ficções, neste sentido, esta própria construção faz com que se acredite que ela é necessária e natural. Pode-se dizer, então, que as possibilidades históricas concretizadas em diversas expressões de corpo são precisamente essas ficções culturais sistematizadas através de punições, intermitentemente realizadas e disfarçadas à sombra de imposições (Butler, 2018).

Neste sentido, atravessada a todas estas imposições, construções e reproduções, está presente a subjetividade do indivíduo, que se autorrepresenta e autodetermina. Por conseguinte, o sujeito percebe-se na sua identidade, compreendendo sua autoafirmação relativamente ao seu gênero e sexualidade, visto que o assumir das identidades é, também, uma conduta política (Monteiro, 2016). É importante salientar o potencial das identidades múltiplas e suas formas de se relacionarem fora do consenso social (Monteiro, 2016).

Portanto, estas múltiplas identidades, fora da perspectiva do senso comum social, são entendidas e nomeadas, com termos já citados, ditos desviantes ou minoritárias (Monteiro, 2016), expressadas fora da expectativa heterossexual, sendo uma delas a lésbica.

## 1.4 Lesbianidade

Quando falamos sobre lésbicas, falamos de mulheres homossexuais. São utilizadas outras várias terminologias, sendo estas múltiplas e também de alguma forma limitadas (Freitas, 2019). Estas diversas nomeações estão entrelaçadas a gêneses, classes sociais, dentro ou fora do contexto acadêmico e militante, além de todos os aspectos pertencentes a estas mulheres (Freitas, 2019). Freitas (2019) salienta também a importância dos processos de identificação e reconhecimento que direcionam a forma como estas se apresentam e se entendem socialmente.

Duas das identidades sexuais lésbicas mais utilizadas são os termos *butch* e *femme*, que se reapropriaram das categorias de domínio homem e mulher, feminino e masculino, hétero e homossexual (Pombo, 2017). Os termos *butch* e *femme* são palavras de origem francesa que apareceram na cultura lésbica estadunidense na metade do século XX como enfraquecimento da masculinidade e feminilidade, assim como dos papéis

sexuais ditos masculinos e femininos, sendo que *butch* e *femme* caracterizam formas de segregação da identidade da “mulher” entendida dentro da heteronormatividade (Preciado, 2017).

*Butch* é atribuído à lésbica “ativa”, dita mais “masculina”, e *femme* a lésbica “passiva” e mais “feminina” (Pombo, 2017). O termo *butch* é utilizado pela autora Judith Halberstam, seguindo Gayle Rubin, para caracterizar mulheres lésbicas que se identificam com o estilo genérico “masculino” e menos “feminino”. Com isto, Halberstam também emprega o termo “lésbica masculina” para reforçar a performance e expressão da “masculinidade lésbica” dentro de suas relações (Lacombe, 2007). A lésbica *butch* é baseada no imaginário social, tendo outras variações de espaço e tempo traduzida em mulher-macho e caminhoneira, sendo estes termos caracterizados pela semelhança à performance masculina (Navarro-Swain, 2004).

Halberstam (2008) refere que uma adolescente com comportamentos “masculinos”, quando chega à puberdade, recebe toda uma pressão social de adequação ao gênero, assim como todas as meninas na adolescência, sendo esta imposição uma lição de moderação, castigo e repressão. Segundo a autora, é nesse contexto que “mulheres masculinas” são colocadas na tentativa de serem remodeladas e convertidas na forma de feminilidade aceitável. É bastante surpreendente que mesmo assim algumas meninas acabem a adolescência sendo mulheres “masculinas” (Halberstam, 2008). A crescente visibilidade da comunidade lésbica, em certa medida, facilitou a aparição de jovens mulheres “masculinas” (Halberstam, 2008).

Neste mesmo sentido, De Beauvoir (2014) ressalta a sua discordância com o sistema que faz a leitura de que é natural para uma mulher apresentar uma imagem feminina para além de uma orientação heterossexual, demonstrando uma realização do ideal de uma verdadeira mulher, ou seja, uma construção produzida socialmente.

Deste modo, é importante salientar que ao exercer e performar uma imagem dita “masculina”, não significa reforçar o estereótipo de que a vontade e desejo destas mulheres lésbicas são tornarem-se homens, ou serem olhadas como homens. Apesar disto, estas mulheres em algum momento podem ter utilizado destes cenários de padrões hegemônicos na caracterização de um paradigma de identidade, que é diferente dos padrões sexuais e de gênero dominantes (Brandão, 2010). Barret (1990, citado em Navarro-Swain, 2004) refere que a austeridade da dicotomia binária da nossa sexualidade seja a responsável pela deslocação das mulheres em adotar expressões e características sociais “masculinas”.

Como já mencionado anteriormente, o outro polo que categoriza as lésbicas é o termo *femme*, ou seja, “lésbicas femininas” que desempenham uma expressão e performance heteronormativa e do estereótipo de “feminilidade” (Santos & Inácio, 2017). A lésbica “feminina” geralmente está relacionada a uma aparência que a invisibiliza por não ter uma imagem ligada ao estereótipo *butch*, e que muitas vezes são questionadas com a expressão como: “Tão bonita, nem parece lésbica”, associada à uma passividade sexual e novamente confrontada com papéis de gêneros heteronormativos conjugais e monogâmicos (Lima & Amazonas, 2021).

No contexto da invisibilidade, as lésbicas “femininas” por vezes são descritas como bissexuais ou heterossexuais (Santos & Inácio, 2017). Toledo e Filho (2012) descrevem uma maior invisibilidade ainda em um casal *femme-femme*, pela falta de presença de uma *butch*, a “lésbica masculina”, considerada o “homem da relação”, a lésbica que tem o atributo da atividade sexual na relação, sendo assim, reforça a hegemonia binária e preserva o pensamento machista.

Portanto, esta invisibilidade vem do contexto e discurso hegemônico social, onde questões relacionadas com a masculinidade e a atividade sexual ativa estão diretamente ligadas aos homens, enquanto a feminilidade está ligada a esta passividade sexual das mulheres, sucessivamente, dentro das representações de gênero e matrimoniais (Toledo & Filho, 2012). As relações lésbicas são consideradas e direcionadas ao romantismo, ou seja, o natural de uma perspectiva de feminilidade de baixa atividade sexual (Toledo & Filho, 2012).

Por mais que exista um pensamento de que estes termos *butch* e *femme* representem a relação lésbica em um cenário heterossexual, Butler (2003) ressalta que, concomitante a este cenário ocorrido, há uma inconveniência e resignificação, pois a própria feminilidade e masculinidade destes termos são redefinidas dentro da referência heterossexual.

A percepção sobre estes estereótipos está precisamente relacionada à expectativa dos outros e de como corresponde o seu comportamento e conduta social, sendo que, parte destes procedimentos estão pré-estabelecidos, sucessivamente, determinando de alguma forma a direção do comportamento destes sujeitos (Ribeiro, 2021). Portanto, estereótipos relacionados a estilos e estéticas emergem de um contexto cultural e político e não de um vazio (Ribeiro et al., 2020).

Em síntese, a sexualidade lésbica permanece em um lugar onde não há a existência de um padrão comportamental, um modelo de apresentação e representação,

uma posição clássica determinada ou obrigatória (Navarro-Swain, 2004). A sexualidade lésbica é vivida na sua singularidade individual (Navarro-Swain, 2004), sendo também uma vivência que se refugia nas múltiplas e diversas perspectivas que vão além do binário masculino-feminino, estendendo-se a variadas performances na constituição do seu gênero e processos sexuais (Lima & Amazonas, 2021). Os termos *butch* e *femme*, na sua apresentação, não determinam as experiências sexuais que envolvem estas mulheres, desta forma, existe uma tentativa de abandonar as normas heterossexuais e suas construções performáticas (Lima & Amazonas, 2021).

É importante frisar que as várias nomeações, apesar de estarem dentro de um processo de identificação e reconhecimento, não são representativas na totalidade das práticas sexuais e afetivas, sendo que, no processo da demarcação de padrões, podem implicar uma produção de apagamentos de outras sexualidades, neste caso de mulheres bissexuais (Freitas, 2019).

## 1.5 (In)Visibilidade, afirmação e reconhecimento da identidade lésbica

O termo lésbica é registado pela primeira vez como sinónimo de homossexualidade feminina em 1842 na literatura francesa. Anteriormente, estas mulheres eram classificadas como as “invertidas sexuais” e desviantes das condutas heterossexuais, onde o discurso do cristianismo pautava a cultura dominante heterossexual para inferiorizar as pessoas que não seguiam este padrão, pois o falo era a legitimação da prática sexual (Toledo & Filho, 2011).

Antes do século XIX, a palavra lésbica era quase inexistente, sendo utilizadas outras nomeações para uma sequência de atos desconsiderando quem os “praticava”, levando ainda a um apagamento da existência destes acontecimentos. Para mais, o fator principal para ausência destas nomeações estava diretamente relacionado com os valores morais que compreendiam estes atos sexuais de afeto e desejo entre mulheres como “anormal”, pecado ou patológico (Diniz, 2021).

As mulheres lésbicas em toda a sua história vêm sendo definidas como pessoas não reconhecidas, místicas, corpos confusos, insurgentes ou que praticam atos de ameaça às normas, padrões de gênero e sexualidade, pois o que se entende como normal são manifestações históricas reproduzidas pela heterossexualidade e o sistema binário de gênero (Wermuth & Canciani, 2018). Este binário de gênero social masculino-feminino



foi produzindo uma ausência da identidade lésbica, por não serem estas mulheres uma categoria reconhecida nesta polarização de gênero (Wermuth & Canciani, 2018).

Portanto, a invisibilidade lésbica pode ser compreendida também a partir de argumentos estruturados principalmente dentro do sexismo e da homofobia, sendo que o primeiro atribui um lugar ao androcentrismo social, ou seja, parte central da opressão e desigualdade (da Silva, 2020).

Entre as muitas tentativas de explicação da homossexualidade de mulheres, uma bastante frequente é a que se refere ao ódio das mulheres pelos homens como responsável pela relação entre mulheres (Rich, 2010). Rich (2010) assegura que parte da resposta a estas inferências ocorre pela misoginia da cultura de dominação masculina e pelo sentimento de fracasso de homens “sensíveis” e “políticos” que consideram estas relações como ameaçadoras ou preocupantes.

Portanto, como já mencionado, historicamente foi estabelecido um espaço de silêncio sobre as mulheres lésbicas e, mesmo quando estas relações eram consideradas atos de crime e pecado, havia uma invisibilidade (Diniz, 2012). Estas múltiplas formas de “argumentações” para as relações entre mulheres correspondem a uma narrativa estereotipada dita como um fracasso da sexualidade normal, uma vez que estas relações seriam a “última opção” ou um refúgio das mulheres consideradas fisicamente não atraentes na visão dos homens, e por isto, estas mulheres encontraram uma forma de reproduzirem um papel masculino (Navarro-Swain, 2004).

Estas explicações são fundamentos da sociedade machista, na qual as referências são os homens, a masculinidade e a genitalização do desejo sexual centrada no falo e na penetração (Toledo & Filho, 2012). Deste modo, a existência lésbica compreende o rompimento de um tabu e, também, renegar uma conduta de vida heterossexual compulsória, provocando uma renúncia sobre o direito dos homens em ter acesso às mulheres (Rich, 2010) Neste sentido, Toledo e Filho (2011) suscitam a importância de conhecer a história documentada sobre as mulheres, por entenderem que os estigmas e estereótipos existentes ainda hoje foram originados e naturalizados como hipótese desta história.

Posto isto, sabemos que foi só a partir do feminismo contemporâneo que o prazer das mulheres, as suas relações e sua identidade como lésbica começam a surgir como discussão (Navarro-Swain, 2004). A concepção de uma identidade para estas mulheres oferece a oportunidade do próprio reconhecimento e das outras (Toledo & Filho, 2012).

O *Mouvement d'information et d'expression de lesbiennes* (Movimento de Informação e Expressão de Lésbicas, em tradução livre; 1987, citado em Navarro-Swain, 2004) considera que utilizar o termo lésbica é uma forma de afirmação da identidade destas mulheres, consolidando uma maior visibilidade que não deve ser só manifestada e enxergada como uma “forma” de vida sexual e emocional, mas também contestar o corpo social sexista e patriarcal, assim como a heterossexualidade compulsória. Os relatos sociais que são reproduzidos dominam as percepções sobre amor, romance e desejo, conseqüentemente, deslegitimizando as identidades e relações lésbicas (Wermuth & Canciani, 2018). Portanto, a palavra lésbica é uma identidade da sexualidade, da conjugalidade, do meio social, da formação familiar, do sistema jurídico-político etc. (Toledo & Filho, 2011).

Neste sentido, para o reconhecimento dos corpos lésbicos invisibilizados, é fundamental entender os processos da produção do poder binário e reconhecer a construção da identidade obtida pela resistência destes corpos políticos e, consecutivamente, elaborar uma reconstrução da identidade lésbica individual e coletiva. Assim sendo, haverá um reconhecimento das lutas e ações sociais buscando direitos não conquistados, de modo que legitime a colocação de corpos visíveis e a proteção destas mulheres (Wermuth & Canciani, 2018).

Para fortalecer a visibilidade da identidade das mulheres lésbicas, Brah (2006, citado em Da Silva, 2020) defende a importância de construir uma ligação com outros campos sociais visando um parâmetro interseccional, em razão das particularidades de experiências transversais às opressões de gênero e sexualidade, assinalando que estruturas de classe, racismo, gênero e sexualidade não são fatores independentes, pois cada uma destas opressões estão interligadas.

Em suma, a palavra lésbica atualmente é utilizada como uma identidade política (Toledo & Filho, 2011), sendo fundamental pensar sobre este termo politicamente, sobre as suas implicações de vivências, práticas sexuais e afetivas, assim como eróticas (Diniz, 2021). Da mesma forma, falar e analisar as diferentes formas de existências que desenvolvem estilos de vida, como também autotransformação e domínio de si, onde não existam regras fixas, e sim, mutáveis e flexíveis (Toledo & Filho, 2011). Gimeno Reinoso (2005, citado em Toledo & Filho, 2011) suscita a interferência do poder hegemônico na construção destas identidades e na mudança destas identidades historicamente, sendo importante lembrar que a presença deste poder dominante cria opressores e oprimidos.

Deste modo, falamos da relevância e necessidade das identidades políticas com capacidade e preparação para enfrentar este poder (Toledo & Filho, 2011).

## 2. Objetivos

---

Esta dissertação pretende levar a cabo uma reflexão acerca das construções e desconstruções de estereótipos e estigmas de expressões e performances de gênero binários num grupo de mulheres lésbicas condicionadas socialmente a um padrão heteronormativo. Simultaneamente, buscamos apresentar a construção histórica da sexualidade e gênero, juntamente com o relato da luta histórica, vivência e visibilidade social das mulheres lésbicas dentro e fora da comunidade e grupos lésbicos.

Sendo assim, temos como **objetivo geral** analisar as expressões e performances de gênero de mulheres lésbicas residentes em Portugal com relação aos estereótipos e estigmas sociais sobre a homossexualidade feminina.

Para tal, temos como **objetivos específicos** os seguintes:

- i. Identificar os entendimentos de sexo e gênero de mulheres lésbicas
- ii. Avaliar os processos de constituição e autoaceitação da identidade e orientação sexual individuais de mulheres lésbicas
- iii. Identificar os entendimentos acerca dos estereótipos de mulheres lésbicas
- iv. Compreender as relações da identidade e orientação sexuais individuais de mulheres lésbicas com os estereótipos acerca de mulheres lésbicas dentro e fora da comunidade
- v. Discutir a visibilidade e autoafirmação social de mulheres lésbicas
- vi. Identificar atravessamentos de outros traços identitários e sociais com a identidade de mulher lésbica

### 3. Metodologia

---

Este trabalho de investigação é de natureza qualitativa, explicativa e interpretativa. Para responder aos nossos objetivos, utilizamos como método de coleta de dados, como será descrito a seguir, um questionário sociodemográfico e uma série de entrevistas semiestruturadas direcionadas para mulheres lésbicas - que têm atração e desejo afetivo-sexual por outra mulher (Toledo, 2008) - residentes em Portugal. Para analisá-las, utilizamos a hermenêutica, excedendo a simples descrição para uma análise interpretativa dos relatos das entrevistadas e das construções dos estigmas e estereótipos que as atravessam (Toledo, 2008). Como explicam De Moraes e Conte (2017),

A hermenêutica busca uma reflexão e uma compreensão sobre aquilo que vemos, lemos, vivenciamos, criando uma cultura imersa em diferentes tradições e experiências. Implica também na forma como realizamos o movimento para nos (re)conhecer a partir das experiências no mundo, ou seja, na medida em que interpretamos algo, relacionamos diretamente com a visão de mundo que temos, advindas de nossas experiências anteriores (p. 1945).

A nossa análise também é informada por uma perspectiva pós-estruturalista de gênero, conforme a linha teórica desenvolvida no capítulo 1. Os dados obtidos foram analisados através de uma dimensão linguística oral, ou seja, exploração do material (Toledo, 2008). Os resultados foram organizados em dez categorias, criadas a partir das perguntas previstas no guião e de tópicos que emergiram no curso das entrevistas. A seguir, descrevemos os instrumentos utilizados, a amostra obtida e o processo de recolha dos dados.

#### 3.1 Instrumentos utilizados

##### 3.1.1 *Questionário Sociodemográfico*

Um questionário sociodemográfico foi enviado para as participantes do estudo anteriormente à entrevista. O documento foi preenchido por elas de forma independente e enviado para a investigadora. Foram abordadas as variáveis: idade, nacionalidade,

escolaridade, profissão, situação profissional, orientação sexual, identidade de gênero, situação relacional e modelo de relação, identificação étnico-racial e idade que “assumiu” sua orientação sexual. Todas as perguntas eram de resposta aberta. As questões foram constituídas de acordo com a relevância para os efeitos deste estudo (Anexo I).

### **3.1.2 *Entrevista Semiestruturada***

Por se tratar de uma pesquisa qualitativa, foi utilizada a entrevista semiestruturada como instrumento de “avaliação”. As entrevistas foram conduzidas com base em um guião com perguntas abertas de acordo com as temáticas abordadas na revisão bibliográfica, a partir da identificação de discursos sobre lesbianidades construídos social e historicamente, como também no cotidiano presenciado pela investigadora em sua vida pessoal, levando em consideração os objetivos deste estudo. Este instrumento foi selecionado por permitir obter dados comparáveis das diferentes participantes (Coutinho, 2014).

As entrevistas permitiram que as participantes trouxessem espontaneamente, em seu discurso, aspectos de sua vivência das lesbianidades, pensando tanto em si individualmente, como na sua vivência socialmente, assim, percebendo, organizando e dando significados próprios às suas experiências (Toledo, 2008).

O guião (Anexo II) foi composto por quinze perguntas abertas. A questão inicial abordava a definição pessoal sobre sexo e gênero. De seguida, passamos a outras perguntas sobre as vivências diretas em relação à compreensão da identidade e orientação sexual das entrevistadas e, depois, sobre a sua autoaceitação.

As questões seguintes eram sobre estigmas e estereótipos, divididas em quatro grupos. O primeiro grupo abordou os tipos de estereótipos que são de conhecimento das entrevistadas. No segundo grupo as perguntas foram direcionadas às influências que estes estereótipos tiveram na formação da expressão de gênero dessas pessoas e com que tipos de estereótipos já foram nomeadas. O terceiro grupo questionou sobre a existência destes estereótipos dentro da comunidade lésbica e de que forma são dinamizados positivamente ou negativamente. O quarto e último grupo aborda a invisibilidade na vivência das mulheres lésbicas à margem dos estereótipos.

As perguntas que se seguiram abordavam processos de autoafirmação e visibilidade social de mulheres lésbicas. Por fim, encerramos com uma pergunta sobre a vivência lésbica atravessada pelos recortes de gênero, raça, cultura e classe social.

## 3.2 Participantes (amostra)

Os critérios para a participação nesta pesquisa eram ser uma mulher cisgênero lésbica residente em Portugal. Utilizamos o método de amostragem não aleatória por conveniência (Coutinho, 2014). Quatorze mulheres que preenchiam estes critérios voluntariaram-se para a pesquisa, mas a nossa amostra foi composta pelas primeiras sete a terem disponibilidade. Tendo atenção para as diferentes experiências que as mulheres lésbicas podem ter, uma das entrevistadas foi selecionada pela sua pertença étnico-racial, a fim de permitir maior diversidade da amostra. Essas sete mulheres serão aqui identificadas por pseudônimos, escolhidas pelas próprias participantes de forma a manter as suas identidades anónimas. Portanto, as participantes foram Amanda, Atlas, Cláudia, Filipa, Helena, Júlia e Paula.

Todas as entrevistadas são mulheres cisgênero e lésbicas, com idades compreendidas entre 21 e 44 anos, residentes em Coimbra e no Porto. Duas destas mulheres são portuguesas e cinco são brasileiras, sendo que duas das entrevistadas brasileiras possuem dupla cidadania europeia (Portugal e Polónia). No ponto de vista étnico-racial, três disseram considerarem-se brancas, uma como branca europeia, uma como branca caucasiana, uma como não-branca/latina e uma como negra. Todas se identificam como mulheres. Em relação à orientação sexual, todas se identificam como lésbicas. Quatro destas mulheres estão em uma relação afetivo/amorosa atualmente e três não estão em nenhuma relação. Relativamente ao modelo de relação afetivo/amorosa que estas vivem, cinco dizem ser monogâmicas, uma não monogâmica e uma poliamorosa. As entrevistadas disseram ter “assumido” sua orientação sexual durante a adolescência e durante a fase adulta, entre os treze e vinte e dois anos. Todas deram o seu consentimento informado.

## 3.3 Recolha de dados

Após divulgarmos pedidos de participação através das redes sociais digitais da investigadora nas plataformas *Facebook* e *Instagram*, assim como por comunicação direta ao longo do mês de Julho de 2022, foram selecionadas as sete participantes e marcadas as datas das entrevistas, todas realizadas entre os dias 2 e 6 de Agosto de 2022. Um dia antes das entrevistas, foram enviados o questionário sociodemográfico e o formulário de consentimento informado (Anexo III), que deveriam ser devolvidos

preenchidos até a data marcada. As entrevistas foram realizadas online e à distância através da plataforma *Google Meet*, durando entre 30 e 70 minutos. As chamadas foram gravadas com autorização das participantes e foram posteriormente transcritas de forma integral pela investigadora.



## 4. Apresentação dos resultados e discussão

---

Os resultados serão apresentados a partir de dez categorias/dimensões que reúnem tópicos previstos no guião das entrevistas, baseados na literatura, e outros que emergiram no diálogo com as participantes.

### 4.1 Definição sobre sexo e gênero

As entrevistas foram iniciadas com o questionamento da definição dos conceitos de sexo e gênero. Relativamente à definição pessoal de sexo e gênero, a maioria das entrevistadas definiram sexo como biológico, a parte genital, e algo físico que nasce com o ser humano. Foi mencionado também que o sexo é uma ficção social, sendo este o momento da identificação do sexo, ainda na gravidez ou no parto, o início da definição do comportamento de uma pessoa.

Filipa não acredita que sexo possa ser somente biológico, mas disse não ter ainda entendimento necessário para poder explicitar isto de forma clara:

Preciso estudar mais o que significa o sexo, urgentemente, porque me causa ainda bastante confusão. Não faz muito sentido que seja puramente essa questão biológica de que determinados corpos tenham determinados instintos e que foram feitos para procriar ou reproduzir, ou enfim, que tem um instinto maternal ou paternal, não acredito em nada disso (Filipa).

Portanto, quando iniciamos o pensamento sobre a categoria sexo, este é automaticamente direcionado a uma perspectiva política da naturalização da sexualidade exclusivamente procriadora, concedendo elementos que constituem a normatização da identidade de gênero e da orientação sexual (Costa, 2012).

Sobre a definição de gênero, as respostas foram diversas, mas a maioria das entrevistadas acreditam que gênero seja uma construção social que vem do entendimento social do ser homem ou mulher. Duas das entrevistadas disseram acreditar que gênero é uma construção social vinculada ao sexo, ou seja, nascer com o sexo feminino ou masculino corresponde ao ser homem ou ser mulher.

Neste sentido, Wittig (1992, citado em Costa, 2012) defende que não há distinção entre sexo e gênero e que a categoria de sexo traz as marcas de gênero, sendo esta politicamente investida, naturalizada, mas não é natural.

A entrevistada Helena menciona que gênero é também nascer com o órgão sexual masculino, por exemplo, e se identificar como mulher. A entrevistada Júlia menciona que sexo biológico pode corresponder a uma cisgeneridade ou não cisgeneridade dentro da ficção social do que é gênero: “a pessoa nasce com uma genitália, por exemplo, a vagina, e nos padrões sociais ela precisa corresponder ao gênero, [às] características ligadas à feminilidade”.

Amanda acredita que o gênero vai muito além do binário, destacando a variedade e diversidade de identidades que vê na atualidade.

Para Paula, gênero não é só uma performance. A entrevistada não acredita que a performance e expressão definem o gênero que uma pessoa se “encaixa”:

Por mais que possa ser uma performance, eu não concordo com esta definição, porque não acho que só performance em si define o gênero no qual você se encaixa, então a questão do gênero pra mim é algo que já procurei muitas vezes saber e explicar o que eu mesma entendo por gênero, mas eu ainda não consigo (Paula).

## 4.2 Compreensão e constituição da identidade e orientação sexual

Ao recolher dados e relatos individuais de mulheres lésbicas, há uma procura que se inicia no singular, na individualidade, na vivência, na experiência e na compreensão da probabilidade de estas terem vivências diferentes do contexto normativo da nossa sociedade (Toledo, 2007). Por outro lado, busca-se também compreender o oposto, ou seja, como o meio social impõe-se nesta comunidade, regularmente conduzindo a situações desprazerosas, de ilegitimidade, marginalização e violência (Toledo, 2007).

Relativamente ao processo da compreensão e constituição da identidade e orientação sexual, as entrevistadas foram questionadas sobre o período que se compreenderam como lésbicas, como foi esse momento e, a seguir, o processo da constituição desta identidade sexual. Com estas perguntas, buscávamos questionar também a dimensão de constituição de uma identidade lésbica para além do se relacionar romanticamente e afetivamente com outras mulheres. A identidade nestas perguntas foi colocada como uma “personalidade lésbica”, direcionada a uma questão igualmente

política e ideológica. Sobre a constituição da identidade sexual como mulher lésbica, foi importante aprofundar sobre a conscientização, exploração e internalização desta identidade.

A maioria das entrevistadas disseram se sentirem “diferentes” desde muito novas, quando ainda crianças, ou que sentiam atração por mulheres de uma forma inconsciente. Essa releitura do passado a partir de uma verdade "inconsciente" é evidenciada por várias investigações como traço marcante da identidade homossexual (Heilborn, 2004, citado em Toledo, 2008).

Cláudia disse não ter pensado ou questionado a sua sexualidade quando criança e adolescente por não ter informações suficientes sobre o assunto: “não era algo discutido no meu ciclo social”. Menciona que só começou a ter uma percepção consciente sobre sua identidade e orientação sexual quando ingressou na faculdade, aos vinte e dois anos. No entanto, hoje, em retrospectiva, consegue perceber que de forma inconsciente sentiu atração por mulheres antes dessa idade, mas que na altura não pensou que este sentimento fosse mais do que uma amizade.

Júlia reforça que prefere denominar a sua orientação como “atração por pessoas do mesmo gênero”, definição que engloba mulheres *trans*. Ela conta que o seu processo de compreensão foi bastante complicado por ter uma mãe bastante religiosa e homofóbica de quem é muito próxima. No entanto, demonstra uma admiração grande pela mãe, por tudo que ela construiu, por toda sua luta, pelos valores que recebeu e, portanto, é grata a sua mãe por diversas coisas. Quando Júlia se compreendeu como lésbica, ficou desesperada com a possibilidade de decepcionar e ser agente do sofrimento da sua mãe. Na adolescência até a faculdade, viveu uma vida paralela dentro do "armário", relacionando-se com homens e sem aceitar sua sexualidade, mas tentando viver o seu desejo.

Neste sentido, é possível verificar, no percurso de mulheres lésbicas, um percurso condensado através de fragmentos, a marcada presença dos “armários” como dispositivos de regulação da vida destas mulheres, que se relaciona também com o padrão heterossexual e seu privilégio de visibilidade e hegemonia de valores (Sedgwick, 2007, citado em Gonçalves & Oliveira, 2017).

Para Atlas, a consciência sobre sua orientação sexual deu-se aos quatorze anos. No entanto, ela declara ter sido um processo longo e difícil. No início ainda se identificava como bissexual e só depois de algum tempo que se entendeu como lésbica:

No início, quando eu me descobri como bissexual foi um pouco mais difícil do que a descoberta lésbica, porque eu namorava com homem na época e pra mim, na minha cabeça nada fazia sentido, foi um pouco difícil. Ninguém na minha família, quero dizer, não tinha ninguém na minha família para eu conversar sobre. Eu tinha amigos que podiam conversar, mas família não (Atlas).

A entrevistada salienta que, no princípio, a compreensão da sexualidade e identidade influenciou negativamente no seu percurso escolar e na sua rotina diária. Foi aos dezoito anos que se compreendeu de fato como lésbica e, sucessivamente, foi conseguindo trabalhar o entendimento da sua identidade como mulher lésbica.

Por fim, é importante ressaltar o relato de Paula. A entrevistada declara que aos quinze anos compreendeu que gostava de mulheres, mas ainda não se entendia como mulher lésbica, pois passou por um processo no qual se questionou sobre ser um homem trans. Consecutivamente, começou a sair com seus amigos homens mais próximos. Na época tinha cabelos compridos e sempre utilizava gorros, blusa larga e calças largas para que as pessoas tivessem certeza de que ela não gostava de homens e para não ser assediada por homens, porque frequentava ambientes masculinos pelo seu grupo ser composto majoritariamente por homens:

Eu comecei a me vestir cada vez mais “masculina”, para que as pessoas não me tratassem como um objeto, sabe? Então eu me vestia mais masculina, e não é porque eu me sentia melhor com aquela roupa, era porque eu me sentia menos olhada, menos assediada. E aí, eu comecei a pensar que eu era um homem trans, eu comecei a pensar nesta possibilidade de eu ser um homem trans. E aí começou a vir um monte de coisas na cabeça, aí eu passei por algumas situações mais específicas que colocaram de volta no meu “lugar de mulher”, me mostraram que na verdade não era algo que eu podia escolher ou não, não estava condicionado a minha escolha. Então falei pra mim: “acorda, porque isso não é uma escolha tua”. Por mais que eu me sinta confortável de cabelo curto, isso não condiciona o meu gênero (Paula).

Sedgwick (2007, citado em Gonçalves & Oliveira, 2017) suscita que, mesmo a nível individual, há poucas pessoas "assumidas" que não estejam no "armário" com algum fator pessoal, econômico ou institucional de importância. A autora acrescenta que para cada encontro, como por exemplo, uma nova turma de estudantes, um novo chefe de trabalho, uma assistente social, o gerente de um banco, um médico, etc., constrói-se novos armários que exigem por parte destas pessoas novos levantamentos, novos esquemas e demandas de sigilo ou exposição.

### 4.3 Autoaceitação da identidade e orientação sexual

Este tema foi introduzido através do questionamento com as entrevistadas sobre os seus processos de aceitação da sua identidade e orientação sexual. Neste sentido, a maioria das entrevistadas declararam ter tido complicações na aceitação de seus familiares, o que influenciou neste processo. No começo, eram sempre processos sem partilhas com a família, até que se sentissem seguras para o fazer.

Duas das entrevistadas disseram não ter tido problemas relativamente à sua autoaceitação, tanto na sua identidade como na sua orientação sexual, nunca tendo se questionado se isso era errado. Cláudia teve e ainda tem questões com a aceitação dos pais, essa foi a “única” barreira, mas nunca deixou que isso efetivamente influenciasse a sua autoaceitação. Amanda, uma destas duas entrevistadas, ao contrário de Cláudia, sempre teve muito apoio familiar, encontrando abertura para qualquer tipo de conversa, sendo este um fator importante para não ter tido problema em se assumir e se aceitar.

Neste sentido, Goldfried e Goldfried (2001, citado em Campos & Guerra, 2016) enfatizam que o processo de aceitação por parte da família é fundamental para que uma pessoa homossexual tenha suporte no enfrentamento contra o preconceito social.

A questão da aceitação familiar foi o obstáculo mais acentuado para três das entrevistadas. Paula não teve o apoio por parte do pai desde que se assumiu, tendo este deixado de falar com ela, algo que “atrasou” a sua autoaceitação. Para Paula, esse processo só começou quando ela tinha entre 19 e 20 anos, ainda que ela tenha se assumido entre os 15 e 16 anos. A entrevistada considera que apenas se aceitou verdadeiramente depois de chegar em Portugal, há dois anos.

Helena disse ter sido um processo demorado a aceitação, acolhimento e compreensão por parte da sua mãe e que por muito tempo teve que ter uma vida “paralela” fingindo ter um namorado. A entrevista suscita que essa autoaceitação ainda está acontecendo:

Eu acho que a minha autoaceitação ainda está em curso. Sinceramente, eu não sei se é pelo fator de às vezes não querer lidar com situações que possam ser desgastantes pra mim na rua, então, às vezes eu prefiro me privar de algumas coisas por isso. Acho que vai mais por esse lado mesmo, porque comigo eu to bem, acho que minha vida sexual também vai bem, mas eu acho que é na sociedade mesmo. Quando eu tô na rua em algumas situações que eu sinto que tem muitos olhares, isso me deixa desconfortável, eu acho que eu prefiro me privar do que enfrentar isso (Helena).

Júlia, uma das três entrevistadas com questões familiares, disse também ter tido muitos problemas com a aceitação da sua mãe, trazendo um bloqueio para a sua autoaceitação durante alguns anos, até começar o seu percurso na faculdade. A entrevistada ressalta que o processo de autoaceitação da sua sexualidade aconteceu em simultâneo com o processo de pertencimento racial, durante a sua integração em um grupo de pesquisa na universidade que discute gênero e violência. Até então, Júlia vivia sua sexualidade como bissexual e foi a partir deste momento, convivendo com outras mulheres lésbicas, que começou a se identificar com o que estudava. Consequentemente, isto começou a transformar seu sentimento de vergonha em um sentimento de orgulho:

Eu me graduei na Universidade mais negra do Brasil, que foi revolucionária na minha vida, tanto com relação ao pertencimento racial, como de gênero e raça, porque eu vivo essa interseccionalidade (...) eu passei a me sentir muito bem e comecei a entender que eu era lésbica, isto deu uma virada na minha vida, eu ainda estava com muito medo e o do qual difícil ia ser lidar com a minha mãe, e é até hoje, mas eu sou lésbica, ela que lute (Júlia).

Portanto, “sair do armário” e a sua aceitação é um processo complexo, uma vez que envolve também questões políticas e sociais com as quais o indivíduo rompe, como os padrões heteronormativos e as crenças e valores culturalmente enraizados (Murasaki & Galheigo, 2016 citado em Fernandes, 2021).

Por fim, é importante apontar também que no caso da entrevistada Atlas, quando o seu processo de autoaceitação se iniciou, ela ainda namorava um homem, até então identificando-se como bissexual. A partir deste momento, a sua autoaceitação sucedeu-se por meio de tentativas de encaixar-se em alguns estereótipos para conseguir se entender como lésbica e ser lida como lésbica:

Foi estranho, porque eu pensava “eu preciso que as pessoas entendam de longe que eu sou lésbica”, eu tentava me encaixar o tempo todo com esses estereótipos visuais, por exemplo, cabelo, tatuagens e piercings... depois eu entendi que eu não precisava estar em um estereótipo para poder me identificar e me aceitar como lésbica, agora eu entendo que foi um momento (Atlas).

## 4.4 Conhecimento dos estigmas e estereótipos

No contexto heterocentrado, falocêntrico e machista, está pressuposto a dominação masculina e também a existência dos modelos de homem e mulher, criança,

família, etc. Estes padrões são apresentados como “verdades” naturais e superiores às outras formas de subjetivação e, portanto, o que se desvia destes padrões é estigmatizado, inferiorizado e, muitas vezes, violentado (Toledo, 2007). É a partir deste contexto que a sociedade identifica os sujeitos, criando estereótipos e identidades estigmatizadas, transmitindo e atualizando estes estigmas de geração em geração (Toledo, 2007). A disseminação e reafirmação destes estereótipos homogeneízam e retificam as diferentes formas de expressão da lesbianidade contribuindo para a reafirmação de mitos e dando um suposto caráter de verdade, essência e universalidade (Toledo, 2007).

Portanto, esta parte foi iniciada questionando que tipos de estereótipos eram do conhecimento das entrevistadas. Neste contexto, a maioria das entrevistadas apontaram ser do seu conhecimento os estereótipos de que mulheres lésbicas são mais masculinizadas, com cabelo curto, roupas mais masculinas, o “macho” da relação e que fazem desportos considerados para homens (e.g. futebol).

Júlia disse conhecer estereótipos relacionados às questões sexuais, como o fato de que estas mulheres talvez nunca teriam encontrado um homem que soubesse fazer sexo corretamente, seriam frustradas sexualmente ou teriam “escolhido” serem lésbicas por terem sido sexualmente violadas. Relembra também questionamentos como “o que fazem duas mulheres na hora do sexo?”, um ideal que reforça a necessidade de um homem na relação, com uma supervalorização da penetração e do órgão sexual masculino.

Portanto, a nossa sociedade acredita na própria falácia de que o sexo é condicionado pela penetração atuando na manutenção da dominação masculina e, consecutivamente, o sexo entre duas mulheres é questionado e raramente entendido como sexo de verdade. Em consequência disto, as lésbicas são vistas como assexuais, uma vez que suas práticas sexuais são lidas como preliminares ou uma prévia do que é o sexo propriamente realizado (Cunha, 2021).

A entrevistada Filipa, de outro modo, salienta que quando se “assumiu”, muitas pessoas perguntaram se ela iria “virar” homem, ou seja, assumir uma aparência masculina, o que não fazia sentido para ela, pois identidade de gênero difere de orientação sexual. Para Atlas, estes estigmas e estereótipos das lésbicas serem mulheres masculinizadas existiam mais quando havia pouca representatividade a sua volta, quando era mais nova.

Helena destaca a questão sobre a fetichização sexual por parte de homens sobre casais de lésbicas, principalmente, se forem duas lésbicas “femininas”. Cunha (2021) reforça que conteúdos (e.g. pornografia) são produzidos para o público masculino que

identifica as relações sexuais entre duas mulheres como um fetiche, como um ato em função dos desejos sexuais masculinos. Neste sentido, Rich (2010) acentua que as lésbicas são vistas como uma mercadoria sexual para ser consumida pelos homens, uma vez que desconsideram a capacidade de haver prazer, amor e uma relação de reciprocidade entre mulheres.

Outra perspectiva importante de ser destacada foi a da entrevistada Filipa, que declarou não se sentir desconfortável quando dizem que as mulheres lésbicas são mais politizadas, mais ativistas e mais conscientes, sendo esta uma concepção de estereótipo positiva na sua opinião.

A segunda questão abordada dentro deste tema foi relacionada às características que as entrevistadas identificam em mulheres lésbicas lidas como "masculinas" e "femininas", de acordo com os estereótipos. Todas as entrevistadas disseram identificar características "semelhantes" ao binário social, ou seja, as lésbicas lidas como "masculinas", por norma, têm o cabelo curto, roupas mais largas e signos corporais socialmente associados aos homens. Relativamente às lésbicas identificadas socialmente como "femininas", aproximam-se da norma de feminilidade, ou seja, usam maquiagem, vestidos, cabelos compridos e são mais passivas.

Paula disse que é possível identificar os estereótipos nas mulheres lésbicas, mas este olhar é socialmente condicionado, pelo que ela disse estar sempre na tentativa de desconstruí-los. Na sua perspectiva, dar continuidade a esta forma de identificação "automática" pode ser um olhar preconceituoso. A entrevistada acrescenta que a forma como essas mulheres vivem a liberdade para fluir entre o masculino e feminino depende do meio proveniente, como por exemplo, sua raça e cultura.

Eu sinto que depende muito do meio que você vem, sinto que umas pessoas, por exemplo, quem é de Portugal, tem muito mais liberdade para fluir entre o masculino e feminino do que eu, ou do que uma negra retinta. Então, eu acho que são muitas coisas que se atravessam. Mas o cabelo e a roupa são signos que dizem algo. Depois vem os estigmas do olhar das pessoas, porque se tem uma mulher que está falando de uma certa forma e ela é branca, ela vai ser lida de outra maneira (Paula).

Para Cláudia, a identificação de mulheres lésbicas através dos estereótipos não é direcionada só às características físicas, mas também pelas expressões corporais, como a forma de segurar o copo ou um cigarro. No entanto, a entrevistada diz estar sempre na tentativa de não fazer especulações *a priori*.



Júlia reforça que, socialmente, estamos em um prisma da performance que é esperada do ser homem ou mulher. Portanto, a mulher lésbica que tem uma performatividade utilizando elementos que são associados a masculinidade, são lidas como *butch*, caminhoneira, machona etc. Já as mulheres lésbicas que têm uma performatividade de gênero que corresponde à feminilidade são nomeadas de *ladys* e *femmes*, e por vezes, são deslegitimadas e não reconhecidas na sua orientação sexual, não sendo lidas como lésbicas.

Neste sentido, Brigh (1998, citado em Toledo, 2007) enfatiza que a *butch* e a *femme* são dois tipos de cultura que não existem em um “estado puro”, pois nenhum indivíduo, independentemente do seu sexo, orientação ou identidade sexual, consegue se assumir em um “estado puro” de masculinidade ou feminilidade, já que características ditas masculinas e femininas são construções culturais de masculinidade e feminilidade que podemos encontrar em todas as pessoas.

É importante ressaltar, da mesma forma, a colocação feita pela entrevistada Filipa, quando afirma que a referência social de gênero é esse binário masculino e feminino, e que estamos em uma tentativa com o nosso cognitivo para desaprender sobre este olhar que fomos educados e condicionados.

## 4.5 Nomeação, estruturação e formação da expressão de gênero com estereótipos

Em relação ao tema sobre a influência dos estereótipos na estruturação e formação da expressão de gênero das entrevistadas, questionou-se se elas se identificavam ou concordavam com alguma das variadas nomenclaturas estereotipadas abordadas durante as entrevistas.

Das sete entrevistadas, três disseram não se identificar com nenhum destes estereótipos. Paula é uma das entrevistadas que disse não o fazer, mas ressaltou que em algum momento da sua vida tentou se “encaixar” em alguma destas nomenclaturas para ter uma “identidade”. A entrevistada suscita que, em alguns momentos, tem a necessidade de performar um estereótipo normativo feminino na forma de se vestir, por exemplo, para entrevistas de trabalho, mesmo que não se sinta bem performando uma feminilidade, porque normalmente utiliza roupas mais largas.

Helena, quando se “assumiu” e começou a se relacionar com mulheres, tinha o imaginário de que a lésbica mais masculina era a mais ativa no sexo, mesmo dentro da

comunidade. Ela afirma ter vivido essa experiência na sua vida sexual, pois sente que “assumiu” um papel mais “masculino” em vários sentidos. Hoje, Helena disse ser bastante diferente nas suas relações e o modo como se identifica mudou completamente.

Amanda não concorda com estes estereótipos e não se identifica com nenhum, pois acredita que, por exemplo, pode haver uma lésbica lida como “masculina” e não ser a pessoa ativa sexualmente na relação ou pode ser as duas coisas, todas as possibilidades existindo em uma relação entre duas mulheres.

Outra entrevistada, Filipa, diz identificar-se com alguns dos estereótipos, sendo um deles o fato de ter problemas com homens:

Isso é uma coisa muito ruim que eu vou dizer, mas eu tenho sérios problemas com homens, eu sempre desconfio a partida, de qualquer um, isso é uma coisa muito má, eu sei, mas infelizmente tenho mais provas que eu não posso confiar do que confiar. Isso é um pouco daquele estereótipo que falei sobre mulheres lésbicas odiarem os homens, por isso, um pouco que me encaixo nisso, mas não é o motivo que me levou a gostar de mulheres, eu desenvolvi isso com o tempo (Filipa).

A segunda questão abordada neste tema foi sobre os tipos de estereótipos que as entrevistadas já foram nomeadas ou comparadas. Quatro destas mulheres já foram estereotipadas como lésbicas masculinas, *butch* e sapatão. Outras duas entrevistadas já foram e são associadas a uma performance mais feminina. E uma das entrevistadas, apesar ter jogado futebol, onde a maioria das mulheres lésbicas são associadas a performance estereotipada mais masculina, ouviu muitos comentários como: “Tão bonitinha e feminina para ser lésbica”.

Cláudia, umas das entrevistadas que disse ser comparada a uma imagem masculina, tem o hábito de andar de moto, uma atividade exercida majoritariamente por homens, âmbito no qual declarou já ter passado por diversas situações:

Eu saio para andar de mota, por exemplo, que não tem a ver com a homossexualidade, muitas vezes eu tiro o capacete e entro em uma terra pra beber uma cerveja ou comprar qualquer coisa assim e sou tratada como senhor. Aconteceu em França, Alemanha, Espanha e em quase todos os países que eu passei até na última viagem. Eu pensei, se calhar neste momento e neste contexto até é possível que me aproxime de uma imagem mais masculina. Tiro o capacete, cabelo curto, sem maquiagem, sem brinco, sem nada, da cabeça pra baixo é tudo preto. então no primeiro momento é sempre essa comparação (Cláudia).

No que diz respeito ao estereótipo mais feminino, Júlia, que apresenta uma performance mais feminina, referiu que no primeiro contato com outras pessoas nunca é

associada como uma mulher lésbica, e que por vezes é necessário verbalizar a sua orientação sexual.

Neste sentido, as mulheres lésbicas frequentemente são vistas como lésbicas quando performam uma masculinidade, pois se performam uma feminilidade, o que segundo o patriarcado é a obrigação de todas as mulheres, não são identificadas como lésbicas. Se são, perdem a sua autenticidade, uma vez que ao se assumirem como lésbicas na sociedade, no pensamento preconceituoso, a sua conduta visa ser exclusivamente com a pretensão de chamar atenção ou por provocação aos homens (Martins et.al., 2016).

Por fim, questionou-se também se estes estereótipos estruturaram a sua expressão de gênero e identidade enquanto mulher lésbica das entrevistadas e, sucessivamente, de que forma ou medida estes estereótipos estrutura(ra)m suas representações e expressões de gênero.

Quatro das entrevistadas declararam que de alguma forma estes estereótipos estruturaram a sua expressão de gênero e talvez a sua identidade enquanto mulher lésbica. As outras três entrevistadas referiram que não sentem que isso tenha influenciado.

Como mencionado anteriormente, Paula refere que na sua adolescência, quando tinha dezesseis anos, pensou na hipótese de ser um homem trans, porque performava e ainda performa uma expressão mais masculina. Esta dúvida surgiu pelo fato de Paula ter tido sempre companhias masculinas e gostar de fazer coisas que os homens faziam. A entrevistada ressalta que provavelmente esse direcionamento, no seu caso, veio pelo condicionamento binário de gênero e, naquele período foi uma confusão para ela, o fato de ser menina e gostar de coisas socialmente enquadradas como “de meninos”, ou seja, a sua performance não correspondia ao esperado para o seu gênero.

Para Atlas, estes estereótipos de alguma forma estruturaram sua expressão de gênero. A entrevistada referiu que depois de se assumir, por exemplo, cortou o seu cabelo curto com a intenção de demonstrar uma representatividade de mulher lésbica:

Eu fui cortar o meu cabelo porque acreditava que isso me representaria mais como lésbica, por isso eu cortei o meu cabelo. Hoje não tem mais nada a ver com isso, é por uma praticidade da vida. As pessoas ainda hoje acreditam que cabelo curto é como antes. Relativamente às roupas também, de usar roupas mais folgadas, do tipo de roupa. Eu fiquei muito tempo sem usar um vestido, porque eu achava que vestido não cabia na minha performance, por ser o estereotipo da lésbica feminina (Atlas).

Ainda, a entrevistada Helena declarou que a forma como se comporta foi influenciada, pois quando era adolescente performava uma expressão mais masculina. Ela

relata que neste período estava começando a se envolver na comunidade LGBTQIAPN+, e esta expressão reforçava a sua orientação sexual no meio. No entanto, por questões do mercado de trabalho, a sua performance foi sendo moldada para uma expressão de gênero mais “feminina”. A entrevistada disse não se sentir propriamente desconfortável, porém revelou ter vontade de fluir mais na sua performance hoje em dia e, novamente, por questões de trabalho, não se sente com coragem para o fazer. Helena refere que talvez se fosse uma mulher hétero “poderia”, por exemplo, raspar o cabelo com menos cautelas, sendo este um grande desejo seu. No entanto, acha que por ser mulher e lésbica, serão dois atravessamentos e, provavelmente, ainda não realizou a mudança desejada por receios de não ser aceite no seu meio de trabalho.

Júlia e Cláudia foram as entrevistadas que discordaram que estes estereótipos formaram suas expressões de gênero e identidade. Ambas disseram corresponder a uma performance de sua vontade e que as deixam confortáveis. Para Cláudia, ter o cabelo curto é uma questão de praticidade e não de um condicionamento consciente, mesmo que isto se aproxime de uma imagem estereotipada “masculina”. Júlia afirmou que sempre correspondeu a performance mais “feminina”, porque também se sente confortável desta forma e não tem vontade de performar algo diferente neste momento, mesmo que isto traga dificuldades de se relacionar com outras mulheres, por muitas vezes não ser lida como lésbica. A entrevistada salienta que já teve contato com outras mulheres lésbicas que antes performaram feminilidade e, portanto, começaram a se adequarem a um padrão mais “masculino” deixando sua lesbianidade mais visível.

## 4.6 Estereótipos dentro da comunidade lésbica

É possível observar que mesmo dentro da própria comunidade lésbica, mulheres que performam masculinidade são nomeadas, como já mencionado, como *butch*, *sapatona*, *macho*, etc. As mulheres que performam feminilidade são conhecidas como *ladys*. Há uma demarcação muito forte entre aquelas que são “masculinas” e aquelas que são “femininas” (Cunha, 2021).

No que diz respeito a este tema, as entrevistadas foram questionadas sobre a existência de estereótipos dentro da comunidade lésbica e se eles são expressados ou levantados de forma negativa. As sete entrevistadas declararam que sim.

Para Paula, uma mulher que performa uma expressão mais feminina demonstra mais fragilidade aos olhos da sociedade. No entanto, com algum receio, a entrevistada

declara que já presenciou lésbicas mais femininas que pareciam procurar uma mulher com uma performance mais masculina:

As mulheres que performam o que é o destinado ao que tem que performar são vistas ainda mais frágeis, sem fazer uma análise sociológica (risos). E aí no meio lésbico tem também lésbicas femininas que parece que estão à procura do “homem” da relação. Ela não procura por uma outra mulher, apesar de ser lésbica, mas está sempre procurando uma mulher que performa uma masculinidade para estar com ela. Não sei se para talvez diminuir o olhar das outras pessoas, às vezes caminhando na rua, claro que toda mulher sofre opressão. Existem mulheres que sofrem menos, outras mais, outras diferentes, mas toda mulher vai sofrer opressão (Paula).

Neste sentido, é possível observar que mesmo dentro de uma relação entre duas mulheres, a hierarquia de gênero permanece. Portanto, estas circunstâncias baseiam-se na obrigatoriedade de encenação das relações heterossexuais, dando continuidade aos papéis femininos e masculinos, representado por uma lésbica “feminina” e outra que assume o papel “masculino” (Cunha, 2021).

Dando continuidade à fala da entrevistada, Paula declara que não considera opressão, por exemplo, achar que uma lésbica feminina possa ser bissexual ou heterossexual, porque muitas mulheres com uma performance masculina são consideradas lésbicas, quando na verdade podem ser héteros. Para Paula, este é um contexto de preconceito e não de opressão, pois considera que opressão é algo muito mais estruturado.

A entrevistada Amanda, que fez parte de vários fóruns e associações LGBTQIAPN+, lembra-se de várias discussões que se sucederam nestes espaços com base em estereótipos. Ela menciona que por mais de uma vez ouviu mulheres lésbicas com comentários “Ah, não gosto de lésbicas com este estilo [masculina], se fosse assim, gostava de homens”. E a partir disso, enfatizou a sua indignação, pois para ela os homens não são os donos do “estilo masculino”.

Neste sentido, mesmo que haja perpetuação de estereótipos dentro da comunidade lésbica, são também elas que problematizam a questão - afinal, o facto de assumirem “masculinidades”, por exemplo, na forma em que se portam e vestem, não interfere nada em seu gênero (Martins et al., 2016).

Amanda acrescentou também que dentro da comunidade existe a leitura de lésbicas femininas como bissexuais ou heterossexuais, ressaltando que, uma vez que há discriminação na sociedade de forma geral, haverá resquícios dela mesmo dentro dos grupos oprimidos.

Cláudia, de alguma forma, acha que isso acontece na comunidade e infelizmente já esteve envolvida em situações de “pré-conceito”. Salienta que a discriminação é inerente ao ser humano, é algo “intrínseco”, não necessariamente tem que ser dentro da comunidade LGBTQIAPN+ ou heteronormativa, mas a sociedade tem a tendência de posicionar todas as pessoas em “caixinhas” independentemente de ser uma lésbica feminina ou masculina: “Automaticamente vamos colocar as pessoas em caixinhas, porque fazemos isso fora da comunidade também. Então, dentro da comunidade existe porque levamos isso de fora para dentro” (Cláudia).

A entrevistada Júlia, que performa uma expressão mais feminina, como já mencionado, lembra de uma situação específica que ocorreu em determinado momento de sua vida. Quando fazia parte de um grupo de pesquisa que discutia lesbianidade, foi convidada para participar em um fórum mundial em Salvador, no Brasil. As outras convidadas que compunham a mesa de discussão performavam uma expressão “masculina”, e sucessivamente, Júlia sentiu que foi olhada como se as demais se perguntassem “o que essa hétero está fazendo aqui?”. De imediato, Júlia se apresentou como mulher e lésbica para se sentir mais confortável naquela situação:

Esse primeiro contato visual, assim, foi muito marcado, ficou marcado pra mim e acontece bastante. E isto acontece muito, por exemplo, hoje em dia nas redes sociais quando estou flertando e enfim, eu percebo que tem mulheres lésbicas que ficam meio inseguras. A leitura que é feita é, se você tem uma performance feminina é difícil a pessoa entender que você é lésbica (Júlia).

Neste sentido, a entrevistada ressalta que é “muito mais fácil” se relacionar com um homem socialmente e no núcleo familiar, o que talvez seria o motivo da insegurança das mulheres lésbicas ao se relacionarem com mulheres bissexuais. Júlia conheceu muitas lésbicas que declararam ter medo de se relacionar com mulheres bissexuais, pois a sociedade aceita muito mais um relacionamento hétero, e isto pode influenciar estas mulheres a optarem por uma relação heterossexual visível. Este comportamento não é uma regra, mas acaba sendo um medo bastante presente por parte das mulheres lésbicas.

Filipa aponta já ter presenciado situações de “julgamento” dentro da comunidade, quando mulheres que se posicionavam como lésbicas relacionaram-se casualmente com homens. A entrevistada diz acreditar que a comunidade lésbica ainda não se desvinculou dos estereótipos, mesmo que seja numa perspectiva sarcástica:

A gente não se desvincula dessas coisas, deixa e traz, a gente não se desvincula desses estereótipos, essas coisas que não agregam em nada. Trazemos para o nosso meio e

continuamos perpetuando, ou não sei se a gente simplesmente já ignorou e fazemos isso por palhaçada, mas fazemos. Na maioria das vezes eu acho engraçado e tal, às vezes acho que é meio irritante (Filipa).

Por fim, é importante ressaltar parte da fala de Helena, quando disse que, no geral, acha que existem bastantes estereótipos dentro da comunidade, mas as pessoas com quem convive atualmente têm “um pensamento mais crítico”.

## 4.7 A (in)visibilidade da vivência lésbica na margem dos estereótipos e a sua (des)construção

Socialmente, todo corpo que de alguma forma questiona a hétero-cis-normatividade à partida está condenado a invisibilidade, assumindo uma posição de “marginalidade, de anormal e patológico” (Cunha, 2021, 12).

Portanto, para explorar este tema, começamos por perguntar “se os estereótipos apontados anteriormente ou outros trouxeram de alguma forma uma maior invisibilidade nas suas vivências enquanto lésbicas”.

Neste sentido, duas das entrevistadas declararam ter se sentido invisibilizadas. As cinco demais disseram que não foram invisibilizadas de maneira absoluta, mas dentro de alguns contextos, como no trabalho e no ambiente familiar.

Relativamente às entrevistadas que sentiram uma maior invisibilidade, Júlia e Atlas, ambas declararam que o fato de terem uma performance mais feminina foi o que trouxe uma maior invisibilidade. Assim como mencionado anteriormente, Júlia muitas vezes é lida como uma mulher heterossexual, o que atrapalha muito a entrevistada para conseguir parceiras sexuais e também, “fazer parte” ou se sentir integrada na comunidade lésbica. Outro fator relevante são situações de muito assédio por parte dos homens por ter uma performance feminina.

Perrin e Chetcuti (2002, citado em Toledo, 2008) reforçam que a aparência considerada mais feminina torna a identificação destas mulheres como lésbicas mais difícil, ou seja, de imediato são colocadas fora da categoria lesbiana. Portanto, neste tipo de situação, para reivindicar o pertencimento a esta comunidade é necessário verbalizar ou tornar visível por meio do estar se relacionando com uma mulher.

Atlas, ao contrário de Júlia, já teve uma performance mais masculina na sua adolescência, que a colocava em uma posição de mais visibilidade na comunidade

lésbica. Esta situação, no entanto, modificou-se a partir do momento que começou a explorar um pouco mais a sua performance mais feminina.

Neste sentido, esta performance mais masculina, como no caso de Atlas, acaba por se tornar uma marca identificatória para si e para os outros. Portanto, é possível notar uma atitude de identificação, na qual visibilizar esta identidade aos olhos dos outros, principalmente dentro da comunidade, reverte para uma forma de enfrentamento, afirmação de si e transgressão (Toledo, 2008).

Paula disse sempre ter sido lida como lésbica, desde criança. Por esta razão, nunca se sentiu invisibilizada. No entanto, o fato de ter um pai homofóbico foi significativo para que se sentisse invisibilizada de alguma forma. Reforça, entretanto, que sua mãe teve um papel importante de apoio quando se sentia invisibilizada, seja por parte de outros familiares ou do meio social que convivia:

Eu também tive sorte de ter uma mãe que me aceitou e então me levou de volta pro meu eixo. Então quando alguém dizia que eu não podia ser lésbica, eu chegava em casa e ela me dizia “você pode ser o que você quiser”. Então nunca que me senti propriamente invisibilizada enquanto lésbica (Paula).

Cláudia considera não ter estado, de certa forma, neste lugar de invisibilidade. No entanto, declarou que suas ex-namoradas, por terem uma performance mais feminina, passaram por essa experiência por parte dos amigos. A entrevistada reforça que foram invalidadas diversas vezes enquanto casal:

Eram amigos nossos, e quando nos formamos enquanto casal, nunca achavam que aquilo fosse real que ela fosse efetivamente uma mulher lésbica, porque ela era extremamente feminina, era daquelas que tudo que uma mulher hétero faz antes de sair de casa ela fazia, ela tinha essas preocupações. Ela saía extremamente bem vestida, maquilhada, feminina e uma postura muito mais delicada do que a minha. Há casos que eu sinto que isso provavelmente aconteceu. Se ela estivesse em um bar sozinha ou com um grupo de amigos, provavelmente não ia ser abordada por uma mulher, justamente por acharem que ela poderia ser hétero (Cláudia).

Helena mencionou que não se sentiu invisibilizada como lésbica, mas sim como mulher, principalmente no seu local de trabalho. Ela enfatiza que, em reuniões do trabalho, quando ela ou outra mulher estavam falando sobre algo, por norma os homens não estavam muito atentos e, quando era um homem que estava na sua vez de falar, todos os outros homens demonstravam muito mais atenção.



Para complementar este tema, questionamos se as entrevistadas “achavam que deveria haver alguma mudança sobre estes estereótipos, e se sim, de que forma isso poderia acontecer”. Relativamente a esta questão, todas concordam que deve haver mudanças e as respostas foram diversas, mas no geral as entrevistadas disseram que a educação e conscientização social são os caminhos mais eficientes para esta mudança.

Paula não consegue descrever ao certo como isso deveria acontecer e se sente um pouco pessimista sobre essa mudança, reforçando que, enquanto houver gênero, haverá binariedade. No entanto, refere que deveria haver uma mobilização de conscientização gradual através dos movimentos sociais que chegasse a todas as pessoas, não só a nossa “bolha” e nossa comunidade. Para a entrevistada, muitas vezes pensamos que a sociedade está “evoluindo” por convivemos com pessoas que pensam como nós, mas na verdade, no “mundo lá fora” a mudança se apresenta muito vagarosamente.

Cláudia, do mesmo modo, acha muito complexa essa mudança, ainda que seja otimista com esta mudança. A entrevistada reforça que a posição de que a educação para todos será a maior motivadora para esta mudança, enfatizando que este trabalho deve começar muito cedo nas escolas, com as crianças. Para Cláudia, as crianças são muito mais acessíveis e moldáveis que as pessoas na idade adulta, por estarem muito mais enraizados estes preconceitos e estereótipos. Assim, acredita que a mudança só ocorrerá de fato daqui dentro de dez ou 15 anos:

Dar uma resposta direta a isso eu acho que não consigo, porque acho que é um trabalho que tem que ser feito quando se educa alguém. Educando a próxima geração, porque eu acho que não deve ser direcionado a uma comunidade específica. Os estereótipos existem no trabalho, nas profissões (...) eu acho que o estereótipo existe em quase tudo e em quase todo lado, em quase todos os grupos culturais e sociais, religiosos, políticos. Na nossa geração o que pode ser feito é refletir, mudar o pensamento e não colocar em caixinhas tudo que vemos à nossa frente, podemos fazer, é algo que podemos fazer, é mais trabalhoso, é quase como uma reabilitação (Cláudia).

De outro modo, Filipa acredita que a mudança já está acontecendo gradativamente e concorda que a transformação irá acontecer transversalmente através da educação e socialização nos níveis de ensino primário e secundário. No entanto, reforça a necessidade de reeducação no ensino superior, nos lares de idosos, nas famílias e formação específica nas empresas e organizações. Filipa enfatiza que deveria haver mudanças especialmente no comércio de empresas que produzem e vendem produtos binários com valores absurdos sob essa polarização que perpetua estereótipos e poderes, “como, por exemplo, um aparelho de depilar que para homens custa 2 euros e para

mulheres por ser cor de rosa custa 5 euros, sendo que é exatamente igual ao que se diz masculino”.

Atlas e Helena acreditam que a mudança deveria acontecer de fora para dentro, ou seja, começar a reeducação e a conscientização na comunidade, não reforçando “brincadeiras”, estigmas e estereótipos, consecutivamente, haver uma maior articulação de toda a comunidade LGBTQIAPN+ para posteriormente trabalhar em prol da conscientização fora da comunidade.

## 4.8 Importância do processo de reconhecimento, autoafirmação e visibilidade social

Depois de conhecer melhor parte do percurso das entrevistadas, foi necessário entender a importância do processo de reconhecimento, autoafirmação e visibilidade social. Visibilizar significa tornar algo ou alguém visível e estar visível é ser percebido. Visível, o corpo político lésbico vai constituindo-se, tornando-se visibilizado nos espaços públicos e tornando-se parte da sociedade (Toledo, 2008). Neste sentido, todas as entrevistadas declararam a importância fundamental deste processo.

Para Paula, este percurso foi especialmente importante individualmente, numa perspectiva de internalização. Logo depois, foi relevante igualmente nos meios sociais que ocupa, deste modo, disse ter conseguido “escolher” um ciclo social que a acolhesse e a aceitasse.

Amanda reforça ter sido um processo bastante natural, assim como já havia mencionado sobre todo o seu processo, salientando que foi importante pelo fato de poder falar abertamente sobre sua vida e a sua companheira em qualquer assunto, com todas as pessoas a sua volta. A entrevistada diz ter iniciado este processo primeiro com as pessoas mais próximas e, consecutivamente, conseguiu ajudar outras pessoas a fazer o mesmo partilhando sua experiência.

Cláudia iniciou este processo igualmente com sua família e ciclo de amigos. Como já mencionado, com os seus pais foi mais complicado. Com os amigos, houve uma estranheza no princípio, o que não influenciou que ela continuasse esse percurso. A entrevistada diz não ter sentido uma mudança no seu dia a dia depois de começar este processo, mas teve mais interesse em procurar por espaços, pessoas e grupos LGBTQIAPN+ para partilhar da mesma vivência que a sua.

Júlia disse ter sido de extrema importância este processo. Os seus primeiros passos na afirmação da sua identidade e orientação sexual foram dados no grupo de estudos da faculdade em conjunto com outras mulheres lésbicas, no qual a entrevistada começou a se libertar de uma educação cristã hegemônica, entendendo que ser o que ela é não é “pecado”, dando início a um novo percurso libertador:

Então, eu fui criada também em uma educação muito católica, e aí tinha essa coisa um pouco de medo que eu estava cometendo um pecado. Me livrar disso, me trouxe um outro lugar e sobretudo um outro lugar nessa relação que eu tenho com a minha mãe, parte de um lugar de culpa, por exemplo, antes eu tinha culpa, eu me sentia muito mal de ferir a minha mãe, porque eu também tinha culpa. Hoje eu me sinto triste por ser incompreendida, mas isso não afeta a minha autoestima, por exemplo. Isso não afeta a forma como eu me admiro, como eu amo quem eu sou, e acho que isso é muito importante, inclusive para esse enfrentamento da lesbofobia (Filipa).

A religiosidade afeta de forma particular a comunidade LGBTQIAPN+ e seus familiares, pois a exposição a religiões não afirmativas da identidade homossexual está associada a maiores níveis de homofobia que é internalizada pela própria pessoa homossexual, como também pela família (Walker & Longmire-Avital, 2013 citado em Campos & Guerra, 2016).

Para Filipa, este processo foi um momento de “sobrevivência”. A entrevistada sentiu que finalmente podia controlar a sua vida, a sua identidade, ter o seu lugar de fala e pertencimento. Sentiu-se livre e com um sentimento que ela realmente tinha uma existência significativa no mundo.

Helena teve uma sensação de alívio, disse ter sido o melhor momento da sua vida. Lembra que foi há seis anos que finalmente “apresentou” sua primeira namorada para sua família em um jantar de Natal e isso “foi incrível”, nas suas palavras. A entrevistada evidencia ter tido a sensação de que isso também foi mais “aceitável” por sua família na época porque as duas apresentavam um padrão socialmente aceito de feminilidade. Considera que se, por exemplo, estivesse em um relacionamento com uma mulher que expressasse uma performance mais “masculina”, a reação seria diferente.

Por fim, o corpo das lésbicas vem se tornando um acontecimento, ou seja, com uma maior representatividade social visível, com isto, parte-se do pressuposto que alguém só é algo na medida em que existe em seu reconhecimento social (Costa, 2012).

## 4.9 Importância, necessidade, relevância e afirmação da identidade como mulher lésbica

Para abordar este tema, as entrevistadas foram questionadas sobre a importância, necessidade ou relevância da afirmação da sua identidade e orientação sexual como mulher lésbica socialmente e o porquê. Todas as entrevistadas afirmaram achar importante e necessário.

Paula considera de extrema relevância o fato de se posicionar socialmente, por mais que seja cansativo. Acha igualmente importante uma organização e movimentação política, apesar de não estar ativamente em nenhum grupo lésbico ou LGBTQIAPN+ neste momento, por não se identificar com nenhum dos grupos existentes na sua região de residência. A entrevistada disse sentir necessidade de encontrar grupos de mulheres lésbicas trabalhadoras, pois a maioria dos grupos existentes estão associados ao meio acadêmico, do qual ela não faz parte:

Eu acho importante ter um movimento de mulheres trabalhadoras, eu não vejo isso muito aqui no Porto, já não existe um movimento de mulheres jovens trabalhadoras, quem dirá de mulheres trabalhadoras lésbicas. Mas acho importante a gente se dizer e autoafirmar o tempo todo, justamente pra gente se organizar e pra mostrar pro mundo que a gente existe, que a gente está aqui resistindo e com força e com fome de combater todas as desavenças que vem, também contra os homens e pessoas fascistas, escrotas, machistas, racistas, xenófobos e homofóbicos (Paula).

Cláudia disse que essa necessidade e relevância da autoafirmação depende muito do avanço e desenvolvimento social, pois há dez ou quinze anos atrás era muito mais importante do que hoje:

(...) da mesma forma que um casal heterossexual não tem que uma bandeira a dizer qual é a sua orientação sexual, eu acho que nós temos que chegar a um estágio de “normalidade” em que isso não seja necessário. Aquele patamar de ter um tratamento exatamente igual e não de estranheza, de passarem duas mulheres na rua e não ficar toda a gente a olhar. Isso ainda não acontece, mas eu adorava que isso acontecesse. Eu tento agir de forma que isso seja natural. Então se eu afirmar a minha posição enquanto mulher lésbica na sociedade, eu acho que estou de certa maneira a contrariar essa postura de igualdade (Cláudia).

Portanto, foi relevante questionar a entrevistada sobre o que seria exatamente “o contrariar”. Cláudia disse não ser exatamente “contrariar” e esclareceu que, para ser tratada da mesma forma, sente que é necessário fazer com que as pessoas sintam que ser

lésbica é normal e natural, sem ter a necessidade de se afirmar como mulher lésbica na sociedade, pois a partir do momento que tem essa necessidade, é porque algo está errado. Portanto, chega à conclusão que, como ainda não existe aceitação e igualdade, é necessário se afirmar socialmente.

Para Júlia, essa necessidade e relevância parte de uma perspectiva de representatividade, quando você se "assume" socialmente é como abrir lugares para as outras pessoas que irão passar por este percurso futuramente. A entrevistada reforça que se “assumir” é enfrentar duas prisões, “a prisão do que a sociedade não te deixa ser” e “a prisão do que a sociedade quer que você entenda, sobre sua existência ser uma existência errada”.

É importante referir ainda a afirmação de Atlas, que disse que, apesar de morar hoje em Portugal, é natural de Teresina, capital do estado do Piauí, na região Norte do Brasil. De acordo com ela, a comunidade lésbica na sua cidade é pequena, mas está muito segregada neste momento e, no âmbito LGBTQIAPN+ a maioria da representatividade existente são de homens gays. Posto isto, ela acha de extrema importância se afirmar como lésbica neste local, para que outras mulheres que necessitem de ajuda possam encontrar nela um apoio e representatividade que não existia na sua época.

Neste sentido, Touraine (2007, citado em Piason, 2008) enfatiza que as lésbicas, por terem experiências individuais assinaladas por julgamentos sociais desfavoráveis, constantemente sentem-se mais rejeitadas e mais privadas em sua subjetividade do que as mulheres em geral (e.g. mulheres heterossexuais). Portanto, atualmente vêm reivindicando que suas experiências e vivências sejam reconhecidas e que, finalmente, possam declarar livremente que denotem a apropriação de suas vidas e escolhas (Touraine, 2007, citado em Piason, 2008).

#### 4.10 A vivência lésbica atravessada pelos recortes de gênero, raça e classe social

As relações sociais não são só fundamentadas no desejo individual e nas suas histórias de vida, elas são atravessadas pelas relações de gênero, sexo, raça/etnia, classe, relações intergeracionais e orientação sexual. Portanto, na vivência das mulheres lésbicas, existem diversos processos de estigmatização que atravessam as relações familiares, na comunidade, na escola, nos serviços de saúde, na segurança pública, no trabalho, no grupo de amigos etc. (Toledo, 2008).

Neste sentido, a última pergunta abordada nas entrevistas e que compôs este tema foi importante para perceber as interseccionalidades dentro das vivências das mulheres lésbicas. Questionamos as entrevistadas sobre de que forma os recortes de gênero, raça, cultura e classe social influenciam nas suas vivências como mulheres lésbicas. As respostas foram diversas e, portanto, igualmente importantes de serem descritas.

As entrevistadas Amanda, Filipa e Helena declararam ter consciência dos seus privilégios relativamente aos recortes de raça e classe social. No entanto, reforçam que por serem mulheres e lésbicas, o caminho é de menos privilégios que, por exemplo, de um homem branco e heterossexual.

Amanda e Filipa disseram ter consciência que mulheres lésbicas, negras e de classe social baixa têm uma vivência atravessada por diferentes frentes de opressão estrutural simultaneamente:

Tenho consciência que devem sofrer muito e eu tenho consciência que tenho privilégios nisso. Se eu estivesse a assumir-me como eu me assumo facilmente e fosse negra, mais pobre ou qualquer coisa assim, ia ser ainda mais prejudicada. Portanto eu tenho a consciência que posso também falar a vontade do que sou, exatamente porque sou branca e de classe média, então estou numa posição privilegiada (Amanda).

Enquanto mulher branca, sei do meu lugar extremamente privilegiado. Não tenho nenhum outro recorte de discriminação além de lésbica e mulher (Filipa).

A entrevistada Helena, do mesmo modo, tem consciência que todo o seu privilégio contribuiu para que fosse mais “fácil” estar protegida de outros tipos de violências e preconceitos. Ela ressalta que, muitas vezes, é possível que sua orientação sexual não seja perceptível visualmente, mas ser mulher está exposto.

Cláudia disse que a única associação que consegue fazer destas influências na sua vida está relacionada às questões religiosas, mediante a influência que estas exercem na aceitação dos seus pais relativamente à sua orientação sexual, que é igualmente uma questão cultural.

Atlas disse ter influenciado, por exemplo, quando questionou a sua identidade de gênero, se estava dentro do binarismo de gênero ou não. No entanto, interessou-se em pesquisar mais sobre a comunidade LGBTQIAPN+, para além das quatro primeiras siglas, que eram do seu conhecimento naquele momento.

Júlia, de outro modo, disse trabalhar e vivenciar o conceito de interseccionalidade por ser uma mulher pobre, negra e lésbica. O único privilégio que vivencia dentro deste prisma de opressões é ser uma mulher cisgênero. A entrevistada menciona que,

frequentemente, tinha medo de assumir sua lesbianidade dentro do seu espaço de trabalho, com medo de perder o seu emprego que necessitava para sobreviver:

O fato de ser pobre e precisar de dinheiro influenciou a me manter no “armário”. A questão da raça também, porque é um peso muito grande carregar raça e sexualidade, pensando metaforicamente, nos espaços onde eu conseguia trabalhar, não dava pra eu fingir que não sou negra, porque é visível, mas dá pra eu fingir que eu não sou lésbica. Então, pensando na violência especificamente, por sobrevivência eu já tive que assumir esse lugar de fingir que não era lésbica. Portanto, esses recortes influenciaram e ainda influenciam muito a forma como eu estou no mundo (Júlia).

As mulheres lésbicas negras têm seus corpos subjetivamente atravessados por três estruturas de opressão que atuam com bastante intensidade: a raça, o gênero e a sexualidade, marcando uma tripla opressão. Portanto, estes atravessamentos podem corresponder juntamente com outras categorias como classe, geração, território, entre outros, que intensificam os processos de exclusão (Lima, 2018).

As mulheres lésbicas, além de outros eixos de diferenciação social (como classe, raça/etnia, nível de escolaridade), são estigmatizadas invariavelmente por serem mulheres e por ser homossexuais (Toledo, 2008).

## Conclusão

---

Este estudo teve como objetivo explorar e problematizar a construção e desconstrução do sexo e gênero, a forma como estes conceitos constituem as performances e expressões binárias influenciando na construção de estigmas e estereótipos dentro e fora da comunidade lésbica. Neste sentido, foi necessário refletir especialmente sobre questões como a estrutura dos conceitos do sistema sexo e gênero, a heterossexualidade como padrão de orientação sexual, as dicotomias masculino e feminino como padrão de comportamentos e representação social, as relações de poder dentro dos papéis sociais de gênero, o patriarcado, o falocentrismo e a hegemonia masculina como determinantes na construção das opressões, preconceitos e estigmatizações na comunidade lésbica.

As entrevistas administradas neste estudo tiveram, portanto, o propósito de adicionar as vivências de mulheres lésbicas ao contexto sociocultural e explicar seus processos de subjetivação, compreendendo o percurso dos processos de estigmatização e identificando os efeitos de regulamentação que estes estereótipos e estigmas exercem sobre os corpos destas mulheres através da determinação do que é sexo e gênero.

Em análise, relativamente ao sexo e gênero, as entrevistadas acreditam que haja um vínculo entre estes dois conceitos e influência que um exerce sobre o outro, assim como nas concepções sociais. No entanto, foi identificado que gênero vai para além do binário pela diversidade de identidades existentes na atualidade.

Relativamente à construção da identidade e autoaceitação destas mulheres lésbicas, foram apresentados sentimentos de vergonha, medo e estranheza “inconsciente” no início do entendimento da sua orientação sexual. Estes sentimentos foram engatilhados por questões religiosas, pelas referências dos padrões heteronormativos como normas das relações afetivo amorosas, pela falta de diálogo na educação escolar e social sobre outros tipos de identidades e, principalmente, pela falta de aceitação e acolhimento familiar.



No que concerne aos estigmas e estereótipos, ainda hoje existe o imaginário de que mulheres lésbicas performam uma expressão “masculina” no vestuário e no comportamento. Dessa forma, lésbicas que performam feminilidade estão em um prisma de deslegitimação e não reconhecimento da sua orientação sexual, por serem identificadas quase sempre como bissexuais ou heterossexuais.

Dentro da comunidade LGBTQIAPN+ também foi constatada a existência da propagação de estereótipos. Há uma demarcação ainda forte das lésbicas femininas e masculinas. As mulheres que representam feminilidade se sentem muitas vezes invisibilizadas neste meio pela deslegitimação e não reconhecimento como mulheres lésbicas. No entanto, constatou-se, que mesmo que haja essa perpetuação de estereótipos dentro da comunidade, é igualmente, dentro deste grupo que os estereótipos serão problematizados.

Em relação às invisibilidades vivenciadas socialmente por estas mulheres, as entrevistadas compreendem que ser mulher e ser lésbica já implica um lugar de invisibilidade por dois prismas, de gênero e orientação sexual. No entanto, mais uma vez, a invisibilidade mais apresentada foi por parte das mulheres que performam mais feminilidade, pelos mesmos fatores mencionados anteriormente.

Sobre a importância do processo de reconhecimento, autoafirmação e visibilidade social, constatou-se ser primeiramente relevante a internalização deste processo para posteriormente iniciar o “assumir” para a família e ciclos sociais mais próximos e, por último, viver a liberdade de explicitar e falar abertamente sobre sua sexualidade no dia a dia. Relativamente à importância, necessidade e relevância da afirmação da identidade e orientação sexual socialmente, compreendeu-se que este processo apresenta uma representatividade social, sendo imprescindível para apoiar e dar espaço a quem irá atravessar este percurso futuramente, assim como para a visibilidade da existência das lesbianidades.

O percurso das mulheres lésbicas entrevistadas foi igualmente atravessado pelos recortes de gênero raça, cultura e classe social. No que se refere ao gênero e a orientação sexual, todas estão expostas a um lugar de menos privilégio socialmente. Constatou-se que, relativamente à questão racial, mulheres brancas permanecem em lugares superiores de privilégio do que mulheres lésbicas negras e/ou de outras etnias, sendo estas expostas a preconceitos e outros tipos de violências que estes corpos negros carregam. A classe social também é um potencializador para outros tipos de violência nas vivências destas mulheres.

Em suma, foi constatada a necessidade de mostrar e perceber a construção dos conceitos que acompanham a “invenção” das normas e padrões e como é o processo de subjetividade individual das mulheres lésbicas. Sobre estereótipos e estigmas dentro da comunidade lésbica, sabemos que estes são efeitos de regulação e dominação binária, sendo importante conhecer o processo de construção desta invalidação e opressão e, a partir deste conhecimento, construir mecanismos que proponham a legitimação de novas formas de existência, representatividade social das comunidades marginalizadas e da diversidade sexual e identitária, ampliando estas existências ao invés de reduzi-las ou oprimi-las.

Em termos de limitações neste estudo, ressaltamos que a amostra não representa a realidade de pessoas de cidades menores em Portugal, uma vez que as participantes são residentes de Coimbra e Porto. Estas são cidades com outros acessos, como, por exemplo, serem grandes centros de movimentações universitárias com uma maior possibilidade de difusão da informação e de vivências das diversas sexualidades. No entanto, essas limitações não invalidam os resultados desta pesquisa, mas demonstram a necessidade de se continuar a explorar academicamente esta questão em outros e mais diversos contextos.

Por fim, importa ressaltar a relevância deste trabalho para desmistificar estereótipos direcionados a mulheres lésbicas, não sendo estes representativos da realidade e tendo efeitos de delimitar a expressão identitária. É, sim, através da tentativa da desconstrução dos padrões binários de gêneros nesta comunidade que entendemos a subjetividade n/das identidades políticas dos corpos lésbicos. Esperamos que esse estudo possa ampliar o conhecimento sobre o comportamento humano e demonstrar a relevância de se estudar mulheres lésbicas e os seus processos, vindo acrescentar bases científicas para outras investigações e material informativo para profissionais e instituições que trabalham com sexualidade e lesbianidade.

## Referências Bibliográficas

---

- Amorim, I. M. d. A., & Torres, I. C. (2012, 4–7 de Dezembro). A construção da identidade de gênero [Comunicação em conferência]. *1º Seminário Internacional Sociedade e Fronteiras*, Boa Vista.
- Batista, D. C., & Souza, J. F. D. (2019). A lesbianidade materializada nos corpos (nem tão) femininos. *Sexualidad, Salud y Sociedad*, 31, 81-100. <https://doi.org/10.1590/1984-6487.sess.2019.31.05.a>
- Bourdieu, P. (2002). *A Dominação Masculina* (M. H. Kuhner, Trad.; 2ª ed.). Bertrand Brasil. (Trabalho original publicado em 1998)
- Brandão, A. M. (2010). Da sodomita à lésbica: o gênero nas representações do homoerotismo feminino. *Análise social*, 195, 307-327. <https://www.jstor.org/stable/41012799>
- Butler, J. (2018). Os atos performativos e a constituição do gênero: um ensaio sobre fenomenologia e teoria feminista (J. P. Dias, Trad.). *Cadernos de leituras*, 78. Chão da Feira. (Trabalho original publicado em 1988)
- Butler, J. (2003). *Problemas de gênero: Feminismo e subversão de identidade* (R. Aguiar, Trad.). Civilização Brasileira. (Trabalho original publicado em 1990)
- Butler, J. (2020). *Corpos Que Importam: os limites discursivos do "sexo"* (V. Daminelli & D. Y. Françoli, Trad.). n-1 edições. (Trabalho original publicado em 1990)
- Campos, L. S., & Guerra, V. M. (2016). O ajustamento familiar: associações entre o apoio social familiar e o bem-estar de homossexuais. *Psicologia Revista*, 25(1), 33-57.
- Chevitarese, L., Fonseca, V., & Trajano, L. (2017). Desconstrução de identidade de gênero: uma leitura foucaultiana sobre as formas de resistência como práticas de liberdade. *Revista Latino-Americana do Colégio Internacional de Filosofia*, (2), 87-110.
- Connell, R., & Pearse, R. (2015). *Gênero: Uma perspectiva global* (M. Moschkovich, Trad.; 3ª ed.). nVersos.
- Costa, Z. Y. T. (2012). Resistência, identidade e visibilidade: o corpo político das lésbicas. *Pólemos*, 1(1), 201-214. <https://doi.org/10.26512/pl.v1i1.11492>

- Coutinho, C. P. (2014). Metodologia de investigação em ciências sociais e humanas. Leya.
- Cunha, A. M. (2021). Sapatão, lésbica, caminhoneira, lady, butch: o que você queer? uma análise da (des) construção do ethos da mulher lésbica em canais do Youtube. [Dissertação de Mestrado, Universidade Federal de Sergipe]. Repositório Institucional da Universidade Federal de Sergipe. <https://ri.ufs.br/handle/riufs/15230>
- Da Silva, F. N. (2020). Sobre sapatões e visibilidades: Notas de pesquisa e vivência. *Rebeca - Revista Brasileira de Estudos de Cinema e Audiovisual*, 9(2), 67-80. <https://doi.org/10.22475/rebeca.v9n2.728>
- De Beauvoir, S. (2014). *O segundo sexo* (S. Milliet, Trad.). Nova Fronteira. (Trabalho original publicado em 1949)
- De Moraes Sidi, P., & Conte, E. (2017). A hermenêutica como possibilidade metodológica à pesquisa em educação. *Revista Ibero-Americana de Estudos em Educação*, 12(4), 1942-1954.
- De Peretti, C. (1990). Entrevista con Jacques Derrida. *Debate feminista*, 2, 281-291. <https://doi.org/https://doi.org/10.22201/cieg.2594066xe.1990.2.1928>
- De Tilio, R. (2014). Teorias de gênero: principais contribuições teóricas oferecidas pelas perspectivas contemporâneas. *Revista Gênero*, 14(2), 125-147. <https://doi.org/10.22409/rg.v14i2.626>
- Diniz, R. P. (2021). Chica Bananinha, a sapatão barbuda de lá da Paraíba: Quando Sapatão é “Revolução”. *Revista Estudos Feministas*, 29(1), 1-15. <https://doi.org/10.1590/1806-9584-2021v29n162012>
- Dorlin, E. (2021). *Sexo, gênero e sexualidades: Introdução à teoria feminista* (J. P. Dias & R. Camargo, Trad). Crocodilo.
- Ferreira, D.S. (2016). *Construção da identidade de gênero reflexões em contexto escolar*. [Trabalho de Conclusão de Curso, Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais].
- Fernandes, J. T. (2021). *O “coming out” e os fatores associados à saúde mental de pessoas LGBTQIA+*. [Trabalho de conclusão de curso, Centro Universitário Unichristus, Fortaleza]. <https://repositorio.unichristus.edu.br/jspui/handle/123456789/1318>
- Freitas, R. V. (2019). Tesouradas. Gênero e sexualidade nas representações das lesbianidade. In Ferrão, D. Carvalho, L. H. & Coacci, T. (Eds.) *Psicologia, Gênero e Diversidade Sexual: Saberes em diálogo* (pp. 196-220). Conselho Regional de Psicologia – Minas Gerais.
- Gonçalves, C. S. R., & de Oliveira Rovai, M. G. (2017). Dos armários nossos de cada dia: uma (ainda) presença formadora do (s) armário (s) no cotidiano contemporâneo do ser lésbica. *CSONline - Revista eletrônica de ciências sociais*, (23), 327-343. <https://doi.org/10.34019/1981-2140.2017.17421>

- Gross, J. (2019). A problemática da questão de gênero e sexualidade no ensino médio e fundamental: uma abordagem teórica. *Revista Jurídica Luso-Brasileira*, 5(6), 1137-1155.
- Halberstam, J. (2008). Masculinidade feminina (J. Sáez, Trad.). Egales. (Trabalho original publicado em 1998)
- Lacombe, A. (2007). De entendidas e sapatonas: socializações lésbicas e masculinidades em um bar do Rio de Janeiro. *cadernos pagu*, 28, 207-225.  
<https://doi.org/10.1590/S0104-83332007000100010>
- Lima, R. d. A., & Amazonas, M. C. L. d. A. (2021). Cartografias de gênero: Lésbicas, Mães e "Bofes", Subversões do Feminino. In Irineu, B. A., Lopes, M. A., Rocon, P. C., Silva, M. A., Nascimento, M. A. N., Duarte, M. J., Jesus, D. M., Jesus, J. G., Rodrigues, G. O. & Passamani, G. R. (Eds.), *Diversidade sexual, étnico-racial e de gênero: saberes plurais e resistências* (pp. 1119-1132). Realize editora.
- Lima, F. (2018). Raça, interseccionalidade e violência: corpos e processos de subjetivação em mulheres negras e lésbicas. *Cadernos de gênero e diversidade*, 4(2), 66-82. <https://doi.org/10.9771/cgd.v4i2.26646>
- Louro, G. L. (1995). Gênero, história e educação: construção e desconstrução. *Educação & realidade*, 20(2), 101-132.
- Louro, G. L. (1997). Gênero, sexualidade e educação. vozes.
- Martins, L. P., Dos Santos, A. V. G., & Teixeira, R. L. P. (2016). Homossexualidade e Corpos Estereotipados. *RELACult-Revista Latino-Americana de Estudos em Cultura e Sociedade*, 2, 370-380. <https://doi.org/10.23899/relacult.v2i4.271>
- Marx, D. S., Souza, M. D., Miguel, R. D. B. P., & Francisco, R. A. A. (2021). Discursos de gênero em Meu nome é Ray: desconstruindo identidades, binarismos e hierarquias. *Revista Estudos Feministas*, 29, 1-13. <https://doi.org/10.1590/1806-9584-2021v29n371181>
- Mead, M. (2003). *Sexo e temperamento* (R. Krausz; 4ª ed.). Perspectiva. (Trabalho original publicado em 1935)
- Monteiro, L. d. O. (2016). Performatividades e o existir a partir do (não) gênero. *Revista Três Pontos*, 13(1), 61-66.
- Navarro-Swain, T. (2004). *O que é lesbianismo*. Brasiliense.
- Oakley, A. (2016). Sexo e gênero. *Revista Feminismos*, 4(1), 64-71.
- Pombo, M. F. (2017). Desconstruindo e subvertendo o binarismo sexual: apostas feministas e queer. *Revista Periódicus*, 1(7), 388-404.  
<https://doi.org/10.9771/peri.v1i7.21786>
- Piason, A. D. S. (2009). *Mulheres que amam mulheres: trajetórias de vida, reconhecimento e visibilidade social às lésbicas* [Dissertação de Mestrado, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul]. TEDE - Sistema de

Publicação Eletrônica de Teses e Dissertações PUCRS.  
<https://tede2.pucrs.br/tede2/handle/tede/655>

- Preciado, P. (2017). *Manifesto Contrassexual: práticas de subversão da identidade* (M. P. G. Ribeiro, Trad.). n-1 edições. (Trabalho original publicado em 2000)
- Ribeiro, A. B. O. (2021). Usos linguísticos de um grupo de lésbicas e gays: questões de identidade e estilo discutidas em entrevista dirigida. *Working Papers em Linguística*, 22 [Edição Especial], 302-326. <https://doi.org/10.5007/1984-8420.2021e76829>
- Ribeiro, C. B. A., do Carmo, L. A. M., & de Rezende Pinto, M. (2020). "Cor de rosa fica bem num 'Sapatão'"? Homossexualidade feminina, Estereótipos e consumo de produtos de beleza. *Tropos: Comunicação, Sociedade e Cultura*, 9(1), 1-18.
- Rich, A. (2010). Heterossexualidade compulsória e existência lésbica. *Bagoas-Estudos gays: gêneros e sexualidades*, 4(5), 17-44.
- Rodrigues, C. (2012). Performance, gênero, linguagem e alteridade: J. Butler leitora de J. Derrida. *Sexualidad, Salud y Sociedad*, 10, 140-164. <https://doi.org/10.1590/S1984-64872012000400007>
- Rubin, G. (2018). *Políticas do sexo* (J. P. Dias, Trad.). Ubu Editora. (Trabalho original publicado em 1975)
- Santos, C. G. d., & Inácio, E. d. C. (2017, 30 de Julho–4 de Agosto). A bruta flor do querer: Amor, Performance e Heteronormatividade na Afetividade Lésbica [Comunicação em conferência]. *Seminário Internacional Fazendo gênero 11 & 13th Women's Worlds Congress*, Florianópolis.
- Scott, J. W. (1988). *Gender and the Politics of History*. Columbia University Press.
- Stryker, S. (2020). *Historia de lo trans: las raíces de la revolución de hoy* (M. Pérez & M. T. Sánchez, Trad.). Continta me tienes. (Trabalho original publicado em 2008)
- Tedeschi, L. A. (2005). Gênero: uma palavra para desconstruir sentido e construir usos políticos. *História Unisinos*, 9(2), 139-144.
- Toledo, L. G. (2007, 31 de Outubro–3 de Novembro). Considerações narrativas sobre as vivências afetivo-sexuais entre lésbicas e suas relações com os mitos e estereótipos a respeito da lesbianidade. [Comunicação em conferência]. *XIV Encontro Nacional da Abrapso*, Rio de Janeiro.
- Toledo, L. G. (2008). Estigmas e estereótipos sobre as lesbianidades e suas influências nas narrativas de histórias de vida de lésbicas residentes em uma cidade do

interior paulista. [Dissertação de mestrado, Universidade Estadual Paulista].  
Repositório Institucional UNESP. <http://hdl.handle.net/11449/97601>.

Toledo, L. G., & Teixeira Filho, F. S. (2011). Apontamentos sobre a construção sócio-histórica de estigmas e estereótipos em relação ao homoerotismo entre mulheres. *Revista de Psicologia da UNESP*, 10(1), 39-61.

Toledo, L. G., & Teixeira Filho, F. S. (2012). As lesbianidades entre o estigma da promiscuidade e da ilegitimidade sexual. *Temáticas*, 1(40), 69-106.  
<https://doi.org/10.20396/tematicas.v20i40.11539>

Valente, M. B. B., Sordi, B. A., & Lima, M. L. C. (2018). Performances ou ideologia de gênero? Uma aproximação ao pensamento de Judith Butler. *Barbarói*, (51), 1-20.  
<https://doi.org/10.17058/barbaroi.v51i1.12187>

Wermuth, M. Â. D., & Canciani, P. (2018). Entre identidades e microrresistências: onde estão as lésbicas? *REVISTA QUAESTIO IURIS*, 11(2), 1362-1377.  
<https://doi.org/10.12957/rqi.2018.30154>

Organização Mundial da Saúde (2015). *Saúde sexual, direitos humanos e a lei* (Liebel, V. A. Trad.).  
<https://apps.who.int/iris/bitstream/handle/10665/175556/9786586232363-por.pdf>

## **Anexos**

---

**Anexo I.** Questionário Sociodemográfico.

**Anexo II.** Guião das entrevistas.

**Anexo III.** Modelo do consentimento informado.



## **Anexo I. Questionário Sociodemográfico.**

Data da entrevista:

Local da entrevista:

Nome da participante:

Pseudônimo:

Data de nascimento:

Morada (cidade):

Nacionalidade:

Escolaridade:

Profissão:

Situação profissional/emprego atualmente:

Orientação sexual:

Identidade de gênero:

Está em uma relação atualmente:

Como você considera o seu tipo/modelo de relação amorosa?

Como se identifica no ponto de vista étnico-racial:

Idade que “assumiu” sua orientação sexual:

Email/contato telefônico:

## Anexo II. Guião das entrevistas.

Eu sou Bárbara, esta entrevista é realizada no âmbito da minha Dissertação de Mestrado Integrado em Psicologia. Primeiramente, agradeço por disponibilizar o seu tempo e partilha. A entrevista é completamente anónima. Queria dizer que não existem respostas certas ou erradas, e sim o entendimento da sua vivência pessoal. Alguma dúvida/questão que não tenha ficado clara, pode ficar à vontade para perguntar.

1. O que é pra você sexo e gênero? Qual a diferença entre os dois?
2. Quando se deu conta da sua identidade e orientação sexual? E como foi quando você se compreendeu como lésbica?
3. Como foi o processo de constituição da sua identidade sexual?
4. Como foi o processo de autoaceitação da sua identidade e orientação sexual?
5. Quais são os estereótipos [enquanto ideias feitas de uma cultura] e estigmas sobre lésbicas que você conhece?
6. Você se identifica/considera ou concorda com algumas das nomenclaturas ou estereótipos de lésbicas? (Exemplo: *butch*, *femme*, *soft buch* e outras do seu conhecimento). Acha que são só estereótipos?
7. Que características você identifica nas mulheres lésbicas que são lidas como masculinas e femininas?
8. Você acha que dentro da comunidade estes estereótipos existem, são expressados e levantados de forma negativa? Por exemplo: Performar uma expressão mais feminina e ser lida como bissexual que gosta mais de homem ou ser colocada como heterossexual.
9. Com que tipo de estereótipos e estigmas de lésbicas você já foi comparada ou nomeada?
10. Você acha que estes estereótipos estruturaram/formaram a sua expressão de gênero e identidade enquanto mulher lésbica? Em que medida/de que forma estes estereótipos de lésbica masculina ou feminina estruturaram/estruturam suas representações/expressões?
11. De que forma algum destes estereótipos trouxeram uma maior invisibilidade na sua vivência enquanto lésbica? E na comunidade lésbica a sua volta?

(Des)Construção da performance e expressões binárias de gênero na comunidade lésbica

12. Você acha que deveria haver uma mudança sobre estes estereótipos? Se sim, de que forma isso poderia acontecer dentro e fora da comunidade? Acha que eles fazem sentido?
13. Qual foi a importância do processo de reconhecimento, autoafirmação e visibilidade social na sua orientação sexual e identidade enquanto mulher lésbica?
14. Você acha importante, necessário ou relevante a afirmação de sua identidade de gênero e orientação sexual enquanto mulher lésbica? Porquê?
15. Como você acha que os recortes de gênero, raça [caso a entrevistada seja de etnia ou raça não branca], cultura e classe social influenciam na sua vivência como mulher e lésbica?

### Anexo III. Modelo do consentimento informado.



#### Termo de Consentimento informado

No âmbito da Dissertação de Mestrado Integrado em Psicologia Clínica e da saúde-Psicopatologia e Psicoterapias Dinâmicas, a decorrer na Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação da Universidade de Coimbra, sob orientação da Professora Doutora Margarida Pedroso de Lima, sobre as (Des)Construções das Performances de expressões binárias de gênero no grupo de mulheres lésbicas.

O principal objetivo deste estudo é análise/reflexão em torno das construções e desconstruções de estereótipos e estigmas de expressões e performances de gênero binários no grupo de mulheres lésbicas condicionadas socialmente a um padrão heteronormativo.

Por conseguinte, também apresentar a construção histórica da sexualidade e gênero, juntamente com o relato da luta histórica, vivência e visibilidade social das mulheres lésbicas dentro e fora da comunidade e grupos.

Para a realização deste estudo, é necessário a recolha de dados através de um questionário sociodemográfico e uma entrevista semiestruturada que será gravada por áudio. A análise destes dados permitirá uma melhor compreensão sobre a temática e, talvez, em futuros estudos dentro e fora desta população.

Os dados deste estudo são anónimos e confidenciais.

Desde já gostaria de agradecer a sua participação e disponibilidade em participar neste estudo.

Por favor, leia com atenção a seguinte informação. Se achar que algo está incorreto ou que não está claro, não hesite em solicitar mais informações. Se concorda com a proposta que lhe foi feita, queira assinar este documento

(Des)Construção da performance e expressões binárias de gênero na comunidade lésbica

Declaro ter lido e compreendido este documento, bem como as informações verbais que me foram fornecidas pela investigadora. Foi-me garantida a possibilidade de, em qualquer altura, recusar participar neste estudo sem qualquer tipo de consequências. Desta forma, aceito participar neste estudo e permito a utilização dos dados que de forma voluntária forneço, confiando em que apenas serão utilizados para esta investigação e nas garantias de confidencialidade e anonimato que me são dadas pela investigadora.

Nome: \_\_\_\_\_

Assinatura: \_\_\_\_\_

Data: \_/ \_/ \_\_\_\_\_

Este documento é composto de 2 páginas e feito em duplicado: uma via para a investigadora, outra para a pessoa que consente.

---

Bárbara Correia (Investigadora)